

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO
SUL**

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DOUTORADO EM PSICOLOGIA

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ESPORTE
SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO.**

Maria Cristina Chimelo Paim

Orientadora: Prof^a. Dra. Marlene Neves Strey

Porto Alegre
2006

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO
SUL**

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DOUTORADO EM PSICOLOGIA

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ESPORTE
SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO**

Tese apresentada como
requisito parcial para
obtenção do grau de
Doutora em Psicologia.

Maria Cristina Chimelo Paim

Orientadora: Prof^a. Dra. Marlene Neves Strey

Porto Alegre
2006

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DOCTORADO EM PSICOLOGIA

Tese de Doutorado

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ESPORTE
SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO**

MARIA CRISTINA CHIMELO PAIM

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Marlene Neves Strey (Orientadora)
PUCRS

Prof^ª. Dra. Graziela Cucchiarelli Werba
ULBRA-RS

Prof^ª. Dra. Nara Schimdt Lima

PUCRS

Prof. Dr. Fernando Copetti
UFSM

Prof. Dr. Pedrinho Guaresch
PUCRS

RESUMO

Este estudo visa compreender como homens e mulheres atletas percebem a violência, a violência no esporte e a violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo, bem como compreender como esses atletas percebem as consequências dessa violência de gênero para as atletas. Participaram do estudo vinte atletas de handebol e futsal, na faixa etária entre 18-28 anos. Sendo 11 atletas mulheres e 9 atletas homens. As entrevistas foram analisadas através do referencial da hermenêutica de profundidade de Thompson, com a análise temática de conteúdo. Os resultados apontam que a violência, na visão dos(as) atletas, é um instrumento e não um fim. É uma violência aprendida e reproduzida, fruto das desigualdades apresentadas nas relações sociais. O contexto esportivo ainda oferece um dos últimos redutos de masculinidade tradicional, onde a dominação de gênero é bastante presente. A violência de gênero contra a mulher no esporte é entendida como uma relação marcada pelas relações de poder desiguais entre os gêneros, ou seja, do homem sobre a mulher. Esses modos assimétricos de relações sociais de gênero podem ser re-significados, visto que, são sociais e culturalmente construídos, e não são, as essências de mulheres e homens. Com relação às consequências, percebemos que ser mulher no contexto esportivo, tem sido, e ainda é, viver à sombra de questões culturais decorrentes da dominação de classe e gênero. Alguns fatores foram apontados pelos(as) atletas como causadores de prejuízos psicológicos para a mulher atleta. Entre eles: O não reconhecimento do ser mulher atleta, ou seja, não ser reconhecida pelo seu desempenho profissional dentro das quadras, mas pelo seu belo corpo; as relações sociais no esporte serem constituídas em cima de valores sexistas, e a mulher atleta não viver dignamente através de seu trabalho no contexto esportivo. Esses fatores são formas simbólicas de dominação de gênero, que impedem a construção de uma sociedade justa para homens e mulheres, onde as mulheres tenham também, o direito de decidir, agir, transformar, enfim ser um alguém que se constrói e constrói o mundo.

Palavras-chave: violência de gênero, mulher, esporte.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00

Sub-área conforma classificação CNPq: 7.07.05.00

ABSTRACT

The purpose of this study is to understand how men and women athletes perceive the violence, the violence in the sport and the violence against woman in the sporting context, and also to understand how these athletes perceive the consequences of this gender-based violence related to women athletes. The study was conducted with twenty handball and soccer athletes, with ages from 18 to 28 years old. There were 11 women and 9 men. The interviews were analyzed based on the Thompson's referential of Depth Hermeneutics and a thematic analysis of the content. Findings show that in the athletes' point of view the violence is an instrument and not a purpose. This violence is learned and reproduced, and it's a result of unequal social relationships. The sporting context still offers one of the last traditionally masculine environments, where the gender dominance it is very present. Gender-based violence against women is understood as an unequal relation between men and women, based on a power-relation of men over women. These asymmetrical ways of gender-based social relationships can have their meaning reviewed, because they were socially and culturally built, and are not the essence of women and men. About the consequences, we noticed that being a woman on the sporting context means playing a secondary role due to cultural issues, resulted from a domination of class and gender. The athletes indicated some factors they think are the cause of these psychological damages of women athletes. Some of them were the lack of recognition of women athletes as professionals of the sport, and instead of that the appreciation of their beautiful bodies; the fact that the social relationships in the sports environment is based on sexist values, and the fact that women athletes don't live with dignity through their work in the sporting context. These factors are symbolic forms of gender dominance, holding back the construction of a fair society for men and women, where women have the right to decide, act and transform, and mainly the right to be someone who builds herself and builds the world.

Key-words: gender-based violence, woman, sport

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL.....	7
PROJETO DE TESE	
1- Construção e Fundamentação do objeto de estudo.....	11
1.2 Objetivos	
1.2.1 Objetivo Geral.....	22
1.2.2 Objetivos Específicos.....	22
2- Método.....	23
3- Plano para tratamento e análise dos dados.....	27
4- Cronograma.....	30
5- Orçamento do projeto.....	31
6- Aspectos éticos.....	32
7- Referências Bibliográficas.....	33
ARTIGOS	
Violência no contexto esportivo. Uma questão de gênero?.....	37
A face oculta das violências contra a mulher no contexto esportivo.....	57
Marcas da violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo.....	82
CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	106
ANEXO 1 – Perfil sócio-econômico dos (as) atletas.....	109
ANEXO 2 – Roteiro da entrevista.....	111
ANEXO 3 – Carta de aprovação do CEP-PUC.....	113
ANEXO 4 – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	115
ANEXO 5 – Normas editoriais para publicação nas revistas escolhidas.....	117

INTRODUÇÃO

A violência no contexto esportivo é um grave problema social que vem aumentando consideravelmente na atualidade. Os episódios de violência no esporte, em maior grau, no futebol, estão tornando-se cada vez mais freqüentes e preocupantes. A violência física é o tipo mais visível no contexto esportivo. Atualmente, infelizmente, está muito comum assistirmos a cenas de agressão envolvendo os jogadores, a torcida, os árbitros, a comissão técnica, entre outros.

Mas, além da violência física, presenciamos no contexto esportivo, outros tipos de violência, que não são tão visíveis quanto à violência física, mas que podem causar grandes prejuízos à saúde das pessoas. Refiro-me à violência psicológica e à violência simbólica. Estes tipos de violência ficam evidenciados quando focamos a participação da mulher no esporte. Pois, apesar das grandes conquistas alcançadas pelas mulheres na sociedade, inclusive no contexto esportivo, ainda é grande o número de preconceitos, estereótipos, discriminações, que permeiam a prática das mulheres no esporte, sejam no esporte de lazer, educacional ou esporte de alto rendimento.

Quando esses episódios de violência, atingirem ou ferirem individualmente a mulher, impedindo-a ou limitando-a na sua participação e progressão no esporte, estamos diante de um quadro de violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo. Esse tipo de violência pode acarretar conseqüências graves e muitas vezes permanentes na vida da mulher agredida, afetando a sua saúde emocional e psicológica.

Conforme a resolução N^o 002/2004 de março de 2004, da Comissão Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da PUCRS, a presente Tese de Doutorado consta do projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de ética em Pesquisa da PUCRS, de um artigo de revisão crítica da literatura e de dois artigos empíricos, apresentando os resultados da pesquisa. Os artigos serão enviados para apreciação por Revistas selecionadas, com o intento da publicação, após os comentários e considerações da Comissão Examinadora.

O Projeto de Tese foi enviado para o Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS em 02 de agosto de 2005 e retornou, com sua apreciação e aprovação em 26 de setembro de 2005. O exame de qualificação do projeto: Violência contra a mulher no esporte sob a perspectiva de gênero e do Ensaio temático: Esporte, violência e relações de gênero, aconteceu no dia 13 de janeiro de 2006. Ambos foram aprovados pela Comissão Examinadora.

O primeiro artigo diz respeito à revisão da literatura sobre a violência de gênero no contexto esportivo. Teve como intuito ampliar a compreensão destas ocorrências e investigar os estudos que têm sido desenvolvidos referentes a este fenômeno social. O artigo teórico foi elaborado respeitando as normas editoriais para publicação na Revista Brasileira de Medicina do Esporte.

O segundo artigo buscou compreender como homens e mulheres atletas de handebol e futsal, na faixa etária ente 18-28 anos, percebem a violência, a violência no esporte e a violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo; as entrevistas foram analisadas através do referencial da hermenêutica de profundidade, com a análise temática de conteúdo. O formato do artigo enquadra-se nas normas editoriais para publicação na Revista Estudos Feministas - UFSC.

O terceiro artigo buscou compreender como mulheres e homens atletas, praticantes de handebol e futsal, na faixa etária entre 18-28 anos, percebem as consequências da violência contra a mulher no contexto esportivo. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo; as entrevistas foram analisadas através do referencial da hermenêutica de profundidade, com a análise temática de conteúdo. O formato do artigo enquadra-se nas normas editoriais para publicação na Revista Psicologia & Sociedade- Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social -ABRAPSO. Instituto de Psicologia/UFRGS.

Além dos três artigos apresentados para a defesa de Tese. Estão sendo elaborados mais dois artigos extraídos dos dados coletados, são eles: Violência e Esporte: o que a Educação Física tem a ver com isso? E Re significação do Ser mulher atleta. Este assunto não se esgota por aqui, pois o tema violência, esporte e gênero, com toda a sua amplitude e relevância social, além de continuar fazendo parte dos meus estudos, necessita de novos conhecimentos científicos, devido à grande carência de publicação na área.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE

DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DOUTORADO EM PSICOLOGIA

PROJETO DE TESE

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ESPORTE
SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO.**

Maria Cristina Chimelo Paim

Orientadora: Profa. Dra. Marlene Neves Strey

Porto Alegre
2006

1 CONSTRUÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Estudar a participação das mulheres no esporte assume-se na contemporaneidade, como tema de grande importância, dada as polêmicas, as controvérsias, os preconceitos e os estereótipos que, ainda hoje, circundam o seu envolvimento no contexto esportivo. A participação das mulheres no esporte, tanto no esporte de lazer, no esporte de rendimento ou no esporte educacional, merece nossa atenção e reconhecimento, pois nem sempre foram, e ainda não são iguais às condições de acesso, aceitação e participação, quando comparada aos homens.

Há algumas décadas, as mulheres eram impedidas de participar de qualquer atividade esportiva. Várias foram, e em muitos casos ainda são atualmente, as alegações que afastam as mulheres da prática de atividades físicas, como por exemplo: são fisicamente frágeis quando comparadas aos homens; seu corpo é dotado de docilidade e sentimentos afetivos, qualidades negadas aos homens; sua condição materna deve ser preservada, como garantia de perpetuação da espécie. Outro motivo frequentemente citado é, pelo fato do contexto esportivo desenvolver e fortalecer o espírito do guerreiro, condição negada às mulheres, que são vistas, ainda hoje, como figuras passivas, sendo consideradas em muitas culturas mais como um objeto a contemplar do que um sujeito ativo (Hult, 1994; Tamburrini 1999; De Sousa & Altmann 1999; Knijnik & Vasconcellos, 2003 e Capitano 2004).

O ideal feminino tradicionalmente incorporado pela sociedade é incompatível com a figura da mulher esportista. O contexto esportivo ainda é considerado um ambiente de

domínio masculino. De acordo com De Sousa & Altmann (1999), um esporte violento como o futebol, o handebol, as lutas, tornaria o homem viril e, se fosse praticado por uma mulher, levaria à sua masculinização, e poderia com os movimentos violentos, próprios desses esportes, provocar lesões, especialmente nos seus órgãos reprodutivos. A sociedade permitia às mulheres a participação em atividades físicas ditas femininas, tais como: ginástica, balé e atividades físicas sem contato direto com outras pessoas.

Na verdade, a luta das mulheres pela participação ativa nos esportes, reporta-se aos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, os quais, estavam reservados para os atletas masculinos: às mulheres não era permitida a participação. O único papel permitido à mulher era entregar a coroa de louros aos vencedores (Knijnik & Vasconcellos, 2003; Revista Cláudia, 2004).

O próprio Barão de Coubertin, fundador dos Jogos Olímpicos modernos, era contra a participação feminina nas competições por considerar que o esporte trabalhava características indesejáveis para as mulheres, que eram percebidas como “naturalmente frágeis”. O espírito de luta, de sacrifício, de força de vontade, de liderança, poder de decisão, encontrados no esporte, são virtudes que formam um caráter tenaz e decidido, características masculinas e essência de ideal guerreiro (Tamburrini, 1999; Goellner, 2004, Revista Cláudia, 2004 e Capitania 2004).

À medida que os anos passaram, as perspectivas sob as quais se adjetivava o esporte se alteraram e, nas últimas décadas, impulsionados pela evolução feminina na sociedade, presenciamos algumas mudanças significativas. De acordo com Goellner (2004), a partir dos anos 70, a participação de atletas brasileiras nos Jogos Olímpicos cresceu consideravelmente. Mas, o coroamento com o primeiro ouro Olímpico, só veio a ocorrer no ano de 1996, nos Jogos de Atlanta, através das atletas Sandra e Jaqueline, no voleibol de

praia em duplas. Recentemente, na década de 80 e 90, as mulheres conquistaram o direito à prática de esportes antes considerados como violentos, como o futebol, o pólo aquático, o handebol, as lutas, o judô, etc (Goellner, 2004).

De acordo com De Sousa & Altmann (1999); Knijnik & Vasconcellos (2003) e Capitanio (2004), apesar do grande aumento da participação feminina no esporte, desde o esporte de lazer como no esporte de rendimento, no qual as mulheres vêm competindo, em quase todos os níveis e modalidades esportivas, o contexto esportivo ainda hoje, é permeado por valores masculinos do tipo “mais forte; mais alto; mais rápido; mais musculoso, etc.”, o que faz muitas vezes, com que as mulheres que se envolvem no esporte, sejam vítimas de questionamentos, de controvérsias, de preconceitos, de discriminações, e de estereótipos, oriundos muitas vezes da família das próprias atletas, da mídia, e da sociedade em geral.

Se fizermos uma análise mais cuidadosa das notícias veiculadas pela mídia, sobre a participação feminina nos esportes, verificaremos que elas continuam, de maneira geral, estreitamente ligada à imagem masculina: destacam-se a exaltação da beleza física da atleta em detrimento do talento esportivo, piadas estigmatizantes, insinuações quanto à sexualidade da atleta, e comentários e fotos machistas, entre outros, aparecem com bastante frequência.

Para ilustrar essas idéias podemos citar como exemplos a reportagem do Caderno de Esportes da Folha de São Paulo de 16 de setembro de 2001, que trazia uma matéria de página inteira sobre futebol feminino, com o título “FFP institui jogadora-objeto no Paulista”. A reportagem relatava que a Federação Paulista de Futebol, preocupada em organizar a modalidade na versão feminina, tem como um de seus objetivos principais o embelezamento das atletas, unindo a imagem do futebol à feminilidade. Eram exigências da

FPF, que as atletas que participassem do campeonato, deveriam cumprir algumas condições estéticas: como não ter cabelos raspados, pois a preferência era por mulheres com cabelos compridos; outra exigência referia-se à idade, pois as atletas não poderiam ter mais que 23 anos.

O estudo realizado por Knijnik e Simões (2000) e Knijnik (2001), com a seleção feminina de handebol de alto rendimento no Brasil, concluiu que as atletas são vítimas da violência de âmbito psicológico, pois as mesmas apresentam contradições na percepção de sua imagem corporal. Naquela pesquisa, os resultados revelaram que, para as atletas se manterem no esporte de alto nível, precisam perpetuar características estereotipadas tidas como femininas, mesmo que estas se choquem com as necessidades esportivas de sua modalidade. Ou seja, essas atletas necessitam de qualidades físicas como força, velocidade, músculos desenvolvidos, estatura, etc., para ter bom desempenho, mas também gostariam de responder à imagem feminina traduzida em fragilidade, músculos pequenos, ou seja, beleza dentro dos padrões idealizados socialmente.

Outro exemplo de vitimização sofrida pelas mulheres no esporte, que vale a pena ser lembrado, diz respeito às imagens que as mídias revelam nas transmissões de jogos femininos. De acordo com Freitas (2000), é comum observarmos uma “paradinha” providencial no bum-bum de uma determinada jogadora, exatamente no momento decisivo de determinado lance que deve ser alvo de atenção de todos, e também comentários a respeito do tamanho do uniforme das atletas, ou algo dessa natureza.

Percebe-se a partir dessas análises que o contexto esportivo, ainda é bem machista, em seus vários níveis, seja amador ou profissional. Outro aspecto a ser considerado é que, embora haja um grande aumento de mulheres envolvidas com a prática do esporte, o

mercado de trabalho no contexto esportivo, para a mulher, é mais restrito do que para o homem.

Os cargos administrativos são na sua grande maioria ocupados por homens, há mais equipes masculinas inscritas nas competições, há mais técnicos, mais comentaristas, mais repórteres especializados. Vale lembrar aqui as barreiras que Lea Campos, mineira de Belo Horizonte, teve que enfrentar na década de 70, para conseguir o seu reconhecimento como árbitra de futebol pela FIFA. Lea, para conseguir tal reconhecimento, teve que recorrer ao presidente da república da época, General Emílio G. Médice. No mesmo período a judoca gaúcha Lea Linhares, primeira mulher faixa preta no Rio Grande do Sul, não teve seu título reconhecido porque era mulher (Goellner, 2004).

Mesmo nas modalidades onde as equipes femininas são mais representativas internacionalmente, as mesmas são menos valorizadas em relação às equipes masculinas (Kosaka, 2000). Um exemplo é o da seleção feminina brasileira de futebol, que nas últimas Olimpíadas, em Atenas, conquistou medalha de prata, mas suas atletas não ganham salários compatíveis com a equipe masculina, e nem investimentos das empresas. E quanto à equipe masculina, eles ficaram no meio do caminho, ficando assim fora da competição Olímpica (Paim & Strey, 2005).

De acordo com Strey (1998) e Saraiva (2005) diferentes características foram atribuídas historicamente, como fazendo parte do universo masculino e feminino. Assim surgem os estereótipos, que tendem a classificar essas categorias como representativas destes grupos. Estes estereótipos geralmente mostram o sexo feminino como tradicionalmente dominado, com a submissão, a fragilidade e a dependência fazendo parte do papel feminino. A mulher é percebida, nas concepções estereotipadas tradicionais como: “incapaz” de produzir, física e intelectualmente, tanto quanto o homem, sendo inferiorizada

na sociedade. Já os estereótipos normalmente, relacionam a figura masculina a características de poder, de força e de superioridade.

Essas diferenças de papéis, atribuídas pela sociedade, levaram homens e mulheres a viverem em situações de desigualdade (Jaeger, 2004). De acordo com Saraiva (2005), o contexto que condiciona a submissão da mulher por meio da consolidação da idéia de uma “natureza feminina”, num processo que inicia antes do nascimento e continua através da educação familiar e escolar e que permite produzir indivíduos que aceitem um destino pré-fabricado, ainda é bastante comum em nossos dias, apesar das muitas conquistas obtidas pelas mulheres no século XX, no trabalho, no lazer, na família, na escola, no esporte.

Nessa perspectiva, esses exemplos de estereótipos de gênero, preconceitos, estigmas, quando atacam direta e individualmente as atletas, ferindo-as psicologicamente, transformando-se em obstáculos e impedimentos para a participação e progressão da mulher em qualquer terreno esportivo, ou seja, afetando ou violando os seus direitos mais elementares ou complexos, estamos diante de um quadro de violência. Desta forma considero que as agressões psicológicas e simbólicas, contra as mulheres no esporte devem ser compreendidas como um tipo especial de violência, ou seja, a violência de gênero, que está vinculada à distribuição desigual de poder e às relações assimétricas no contexto esportivo, que se estabelecem entre homens e mulheres, e que são perpetuadas por ideologias sexistas.

O termo gênero se desenvolveu no âmbito dos estudos da mulher, dentro dos movimentos feministas, para questionar o caráter natural dado às relações desiguais entre os sexos a partir da percepção de que não são os caracteres sexuais que determinam o modo de ser e de agir das pessoas. Gênero, portanto, diz respeito à construção social do que é ser homem e do que é ser mulher em uma sociedade. É a representação cultural central de

nossa existência, pois exerce influência mesmo antes do nascimento da criança (Giffin, 1994; Strey, 2001). É uma construção cultural, uma categoria social atribuída às pessoas, e deve ser pensado sempre em termos relacionais Strey (2001).

Guedes (1995), Strey (1997), Pertersen (1999), Soihert (1997), reconhecem a proposta teórica apresentada por Scott (1995) com uma das mais completas. Segundo Scott (1995), o conceito de gênero é composto por duas proposições. Na primeira, o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; na segunda, o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Nesta perspectiva, os gêneros são produzidos nas e pelas relações de poder.

Gênero, nesta visão, depende de como a sociedade vê a relação que transforma um macho em um homem e uma fêmea em uma mulher. Dentro desta perspectiva pode-se dizer que, uma mulher não nasce uma mulher, ela se torna uma mulher, assim como o homem não nasce homem, ele se torna um homem (Strey, 1998).

Desta forma as relações de gênero, por serem definidas dentro de uma ordem patriarcal, estão de acordo com Chagas (2005), fundamentadas em uma ideologia patriarcal, a qual, legitima a diferenciação de papéis de gênero. As sociedades patriarcais engendram e sustentam relações e modos de produção nos quais os homens como categoria social levam vantagens sobre as mulheres, nas mesmas condições. De acordo com Silva (1992), patriarcado é definido como o conjunto dinâmico e contraditório de relações em que prevalece o exercício do poder do sexo masculino sobre o feminino, com fins de submeter este a uma situação de dominação-exploração.

Estas relações de dominação, só existem, quando as relações de poder estabelecidas são assimétricas, como é o caso na sociedade patriarcal. Para Chagas (2005), a ordem

patriarcal é, definitivamente violenta e violadora, uma vez que a diferença de poder entre homens e mulheres produz a dominação destas através de ameaça, constrangimento, coerção física e psicológica, abuso, lesão e por legitimação de formas simbólicas.

O fenômeno da violência também se encontra atravessado por essa perspectiva de gênero, na medida em que nos apresenta quem são as pessoas que violentam e quem são as pessoas que sofrem violência. É neste sentido que a violência de gênero pode ser fundamental para compreendermos a violência no esporte.

Violência de gênero, de acordo com Strey & Werba (2001), envolve ações ou circunstâncias que submetem unidirecionalmente, física e/ou emocionalmente, visível e/ou invisivelmente as pessoas em função de seu sexo. Dessa forma, pode-se dizer que, quando uma pessoa tem seus direitos violados, de qualquer natureza, estamos diante de uma violência. Se a violência ocorre pelo fato da vítima pertencer a um determinado gênero, no caso, pelo fato de ser mulher, trata-se de uma violência de gênero ou violência contra a mulher. O mesmo ocorre no caso das outras categorias, podendo se tratar de violência de raça, de etnia, violência contra a pessoa idosa, contra as crianças, etc (Werba 2004).

O tipo mais comum da violência contra a mulher é a física, por ser mais aparente, dá mais visibilidade à situação de violência enfrentada pela mulher, caracteriza-se por: empurrões, socos, tapas, enforcamentos, facadas, tiros, pedradas. Mas também se visualiza a violência em âmbito econômico, onde podemos citar como exemplo a privação do dinheiro, trabalho escravo. A violência sexual, a qual ocorre quando a pessoa é obrigada a realizar qualquer ato sexual contra a sua vontade, (Strey, 2004). Temos também a violência psicológica e simbólica, que são os tipos de violência presentes em nosso estudo. A violência psicológica, de acordo com a Rede Saúde (2001), é toda ação ou omissão que

causa ou visa dano à identidade ou ao desenvolvimento de uma pessoa. Como exemplo, os deboches, insultos, ofensas, ameaças, intimidações, preconceitos, estereótipos, em nosso caso, que as mulheres esportistas sofrem. A violência simbólica, a qual segundo Bourdieu (1996), tem o poder de construção da realidade, que tende a estabelecer o sentido imediato do mundo, em particular do mundo social, neste tipo de violência, encontra-se a maneira como é explorada a imagem feminina nos meios de comunicação de massa. Onde os programas e novelas retratam a imagem feminina com uma conformação inferior e estereotipada.

De acordo com Jaeger (2004) e Azambuja (2004), a violência de gênero, constitui elemento fundamental das relações de poder existentes entre homens e mulheres, crianças, adultos e idosos. É o reflexo das relações de dominação e de opressão que transformam as desigualdades sociais, econômicas, políticas em exclusão. A violência de gênero se faz presente em quase todas as ações humanas como: na política, nas leis, no mercado de trabalho, nas idéias veiculadas na mídia, na família, na escola, na economia, no esporte, etc.,

Portanto, o presente trabalho, pretende abordar o tema da violência de gênero, contra a mulher no esporte, a partir da ótica de homens e mulheres atletas.

A justificativa para a elaboração do presente problema de pesquisa fundamenta-se no fato de que cada vez mais é maior o número de mulheres envolvidas no esporte, seja na forma de lazer ou no esporte de rendimento. Desde a participação solitária de Maria Lenk, primeira brasileira a participar dos Jogos Olímpicos, Los Angeles, no ano de 1932, até a grande delegação feminina enviada pelo Brasil nos jogos de Atenas, no ano de 2004, muitas foram às conquistas alcançadas pelas mulheres no esporte. Mas o ambiente esportivo para as mulheres, ainda hoje, é permeado por valores masculinos. Principalmente em

modalidades esportivas como o futebol e o handebol, a situação do preconceito e das barreiras discriminatórias se torna mais agudas. O estudo realizado por Paim & Strey (2005), com adolescentes esportistas, corrobora com nossa afirmação, pois nos mostra que ainda é bastante freqüente a presença de estereótipos de gênero com relação à participação da mulher no futebol, como por exemplo: que a mulher é mais sensível e a prática do futebol lhes exige muita força física, e lhes favorece comportamentos agressivos, os quais são atributos masculinos. Dessa forma parece impossível de se conceber que, apesar do futebol ser um ícone da cultura brasileira, e ser identificado como parte integrante do ser brasileiro, o “país do futebol” ainda hoje em dia, exclui, deixando à margem e na sombra, as mulheres que o praticam.

Também cito o estudo realizado por Knijnik & Simões (2001), com a Seleção Brasileira de handebol feminino, onde revelou que as atletas enfrentam constantemente barreiras discriminatórias, no que diz respeito ao ideal de beleza física, imposta pela mídia e a sua condição de mulher atleta.

Esses episódios de violência de gênero de âmbito psicológico e simbólico são um fenômeno cada vez mais presente em nossa sociedade. Fato esse que, muitas vezes, ainda hoje, limita, restringe, inibe, etc., a participação das mulheres no esporte. Além disso, a gravidade das repercussões das vivências desses preconceitos, discriminações, estereótipos, poderá deixar marcas profundas na subjetividade das vítimas.

Pretende-se com o presente estudo pensar e refletir questões sobre a violência contra a mulher no esporte, escutando homens e mulheres atletas, procurando dessa maneira, contribuir no entendimento e superação dessas práticas excludentes, as quais muitas vezes impedem ou dificultam a participação de mulheres nos esportes. Pois entendo que a mulher,

tal qual o homem deve ser um ser que decide, pensa, age, transforma, enfim, um ser que se constrói e constrói o mundo. Face ao relatado, elege-se como problema de pesquisa:

Como homens e mulheres atletas, praticantes de handebol e futsal, na faixa etária entre 18 –28 anos, compreendem a violência, a violência no esporte e a violência contra a mulher no esporte?

1.1 QUESTÕES NORTEADORAS

- Quais os conhecimentos que homens e mulheres atletas, praticantes de handebol e futsal, na faixa etária entre 18 -28 anos, possuem acerca do tema violência, violência no esporte e violência contra a mulher no esporte?

- Como homens e mulheres atletas, praticantes de handebol e futsal, na faixa etária entre 18-28 anos, percebem a violência contra a mulher no esporte?

- Como homens e mulheres atletas, praticantes de handebol e futsal, na faixa etária entre 18-28 anos, enfrentam a violência contra a mulher no esporte?

- Como homens e mulheres atletas, praticantes de handebol e futsal, na faixa etária entre 18 -28 anos, percebem as conseqüências da violência contra a mulher no esporte.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender como homens e mulheres atletas, praticantes de handebol e futsal, na faixa etária entre 18 –28 anos, percebem a violência, a violência no esporte e a violência contra a mulher no esporte.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

-Analisar o conhecimento de homens e mulheres atletas, praticantes de handebol e futsal, na faixa etária entre 18 –28 anos, sobre a violência, a violência no esporte e a violência contra a mulher no esporte.

-Analisar como homens e mulheres atletas, praticantes de handebol e futsal, na faixa etária entre 18-28 anos, percebem a violência contra a mulher no esporte.

-Compreender as estratégias utilizadas pelos homens e pelas mulheres atletas, praticantes de handebol e futsal, na faixa etária entre 18 –28 anos, para lidarem com a violência contra a mulher no esporte.

- Compreender como homens e mulheres atletas, praticantes de handebol e futsal, na faixa etária entre 18 -28 anos, percebem as conseqüências da violência contra a mulher no esporte.

2. MÉTODO

Este é um estudo o qual encontra-se ancorado na abordagem de pesquisa qualitativa. De acordo com Silva (2004) a pesquisa qualitativa, é particularmente útil para investigar questões ligadas à vida das pessoas e aos significados que as mesmas atribuem ao mundo.

Na metodologia qualitativa, enfatiza-se a compreensão da singularidade e a contextualidade de fatos e eventos, ou seja, acontecimentos são analisados dentro de um momento histórico específico, buscando examinar o mundo como é experienciado, compreendendo o comportamento humano, a partir, do que, cada pessoa, ou pequeno grupo de pessoa, pensa ser a realidade, pois, segundo Bauer, Gaskel & Allum (2003), são as interpretações que os atores sociais possuem do mundo que motivam o comportamento que cria o próprio mundo social. Dessa forma, as pesquisas qualitativas, de acordo com Minayo (1998), não pretendem generalizar resultados, mas sim entender determinado fenômeno. Assim, no presente estudo se utilizará a metodologia qualitativa com o objetivo de investigar como homens e mulheres atletas, na faixa etária entre 18 –28 anos, praticantes de handebol e futsal, percebem e lidam com a questão da violência contra a mulher no esporte.

2.1 PARTICIPANTES

Nas metodologias qualitativas, os sujeitos participantes do estudo não são reduzidos a variáveis isoladas ou a hipóteses, mas vistos como parte de um todo, em seu contexto natural, habitual (Silva, 2004). Assim o que importa é a vivência dos sujeitos, fato que não

requer um número grande de participantes. Uma das alternativas da metodologia qualitativa, para a seleção dos participantes, é a segmentação de acordo com “grupos naturais”, ou seja, de acordo com Gaskel (2003), grupos naturais, são grupos de pessoas, que interagem conjuntamente ou que compartilham um passado ou um projeto comum.

No presente estudo, participarão 9 homens e 11 mulheres atletas, na faixa etária entre 18 –28 anos, que pratiquem o esporte de maneira regular há pelo menos um ano. Sendo que 9 atletas praticam handebol, dentro desse grupo encontramos 5 atletas do sexo feminino e 4 do sexo masculino e 11 atletas que praticam futsal, dentro desse grupo encontramos 5 atletas do sexo feminino e 6 do sexo masculino. A seleção dos atletas participantes, se dará por conveniência, através de contatos e disponibilidade dos mesmos.. A decisão em pesquisar atletas de futsal e handebol, se deve ao fato de termos encontrado na literatura referências ao futebol, ao handebol e as lutas, como sendo as modalidades esportivas que caracterizam a hegemonia masculina no contexto esportivo (De Sousa & Altmann, 1999). Desta forma, optamos pelo futsal, por termos encontrado grande número de mulheres praticando a modalidade esportiva, o que não ocorreu com o futebol.

Para a apresentação das falas dos (as) atletas, serão utilizados nomes fictícios, onde será feita uma homenagem a atletas brasileiros, de alto rendimento, praticantes de diversas modalidades esportivas em épocas diferenciadas.

O número de participantes terá como critério o ponto de saturação dos resultados. De acordo com Gaskel (2003), a definição do número de participantes na pesquisa qualitativa, é muito relativo, pois, entre outras coisas, envolve a natureza do fenômeno pesquisado, o número diferente de ambientes, considerados relevantes, os recursos disponíveis, etc. O ponto de saturação dos resultados acontece à medida que o pesquisador(a), cada vez menos, surpreende-se com os dados revelados pelas entrevistas

(Martinelli, 1999), ou seja, se os fatos revelados permanecerem iguais, mais entrevistas não melhoram necessariamente a qualidade do trabalho. Gaskel (2003), sugere que para cada pesquisador(a) deve haver um limite que deve permanecer em média entre 20-25 entrevistas, sendo que as pesquisas podem ser divididas em fases, e ainda conterem entrevistas individuais e grupais, aumentando dessa forma o número de entrevistas.

2.2 COLETA DOS DADOS

A entrevista individual ou em profundidade, é uma metodologia bastante empregada para a coleta de dados nas Ciências Sociais e Humanas. De acordo com Gaskel (2003), o objetivo do uso da entrevista em pesquisa qualitativa é a compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, dos/as participantes, a respeito do que está sendo investigado.

Para que a entrevista seja bem sucedida, o(a) entrevistador(a) deve anteriormente preparar um tópico-guia. De acordo com Gaskel (2003), o tópico-guia é parte vital do processo investigativo, pois é a partir dos dados produzidos na entrevista que o estudo irá ser desenvolvido. Deve ser planejado levando-se em conta os objetivos da investigação, e também o conhecimento teórico do campo a ser pesquisado. Um tópico-guia de qualidade deverá fornecer ao pesquisador um referencial fácil e confortável para uma boa discussão em torno do foco da pesquisa.

No presente estudo, para a coleta dos dados, será utilizada uma entrevista individual semi-estruturada (anexo 2), na qual as perguntas versarão sobre temas como: Motivos para iniciação no esporte, cotidiano dos treinamentos, conhecimento sobre violência e violência contra a mulher no esporte, etc. Também será utilizado um Termo de Consentimento Livre

e Esclarecido (anexo 4), o qual conterà informações sobre os objetivos e formas do uso das informações obtidas na pesquisa, bem como o papel do(a) entrevistado(a) neste processo.

2.3 PROCEDIMENTOS

Primeiramente será realizado um contato com os clubes onde as/os participantes treinam, com o intuito de explicar os objetivos do estudo e pedir colaboração e permissão para a realização da pesquisa. Com a autorização concedida, partiremos para o momento da divulgação da pesquisa para os/as atletas. Prosseguindo com os procedimentos, será realizado o agendamento (horário/local) das entrevistas.

No dia da entrevista, serão fornecidas informações sobre os objetivos da pesquisa e também será realizada a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e garantido o anonimato e o caráter confidencial do que for falado e gravado. Também será garantido aos entrevistados o retorno dos resultados da pesquisa. Com a devida permissão do(a) entrevistado(a), a entrevista será gravada, e posteriormente será transcrita na íntegra, para futura análise.

3- PLANO PARA TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

O procedimento metodológico qualitativo é voltado para o fenômeno a ser estudado, e não para a investigação causal dos fatos ocorridos, tendo, desta forma, como objetivo compreender a experiência humana como um todo. Com este propósito, na presente pesquisa se utilizará, da Análise de Conteúdo (AC), para procedermos à interpretação e compreensão das falas das/os participantes.

A análise de conteúdo tem como suporte instrumental qualquer tipo de mensagem, formas de expressão dos sujeitos sociais e como produto, um conhecimento não-linear. Já que sua derivação se dá pela observação social do objeto de estudo, onde o tempo e a circularidade da comunicação são considerados significativos (Setúbal, 1999).

A análise de conteúdo visa romper com os esquemas rígidos e formais de muitas metodologias de pesquisa, à medida que no seu fazer-se constante se reconstrói para dar conta da reflexão teórica de um conhecimento já construído nas práticas sociais. Constitui-se uma outra forma de olhar para as comunicações que, dependendo da postura teórica, política e cultural do pesquisador, poderá conduzir à produção de um novo conhecimento, onde a história e a cultura se fazem presentes.

A validade da Análise de Conteúdo de acordo com Bauer (2003), deve ser avaliada não como uma “leitura verdadeira”, mas em termos de sua fundamentação nos materiais pesquisados e sua congruência com a teoria do pesquisador e com os objetivos da pesquisa. Kude (1997), propõe etapas para a sistematização da técnica de AC, as quais podem ser visualizadas a seguir:

-Sentido do todo: ler cuidadosamente todas as transcrições fazendo anotações das idéias que surgem.

-Leitura sistemática: escolher ao acaso uma entrevista, procurando encontrar o significado subjacente.

-Lista de tópicos: listar todas as anotações e agrupar os tópicos semelhantes.

-Codificação: retomar os dados transformando os tópicos em códigos abreviados.

-Categorização: escolher as palavras que descrevem mais fielmente os tópicos para transformá-las em categorias. Deve-se reduzir a lista de categorias pelo agrupamento dos tópicos relacionados.

-Ordenação das categorias: colocar os códigos em ordem alfabética.

-Análise preliminar: reunir todo o material de cada categoria e tentar analisá-lo.

-Recodificação: se necessário, codificar novamente os dados.

A autora ressalta que, na construção das categorias, deve-se levar em consideração os seguintes critérios:

-Homogeneidade: não se misturam coisas diferentes.

-Exaustão: as categorias devem esgotar todo o texto.

-Exclusividade: um mesmo elemento não pode ser classificado em mais de uma categoria.

-Objetividade: pessoas diferentes devem chegar às mesmas categorias.

Adequação: as categorias devem estar adaptadas ao conteúdo e ao objetivo da análise.

Após definir a análise de conteúdo como técnica de análise dos dados, entende-se que a Hermenêutica de Profundidade de Thompson (2002), constitui um referencial teórico adequado para guiar-me na análise e interpretação dos resultados.

A Hermenêutica de Profundidade de Thompson (2002), é um processo interpretativo, é uma interpretação das opiniões, crenças e compreensões que são

sustentadas e partilhadas pelas pessoas que constituem o mundo social. Compreende 3 fases: A análise sócio histórica, que possibilita a compreensão e contextualização da violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo; A análise formal-discursiva: que permite a análise temática e a identificação de formas simbólicas apresentadas no discurso das(as) entrevistados(as) e a interpretação e re-interpretação, que compreende a construção criativa do significado com a referência de algo que é representado ou dito.

As três fases ou procedimentos principais não devem ser vistas como estágios separados de um método seqüencial, mas sim como dimensões analiticamente distintas de um processo interpretativo complexo. Além disso, segundo Thompson (2002), a interpretação é aberta, é conflitiva e está sujeita a outra e novas interpretações.

5. ORÇAMENTO DO PROJETO

Itens a serem financiados		Valor	Valor	Fonte
Especificações	Quantidade	Unitário R\$	Total R\$	Viabilizadora (Ver ao pé da folha)
Livros	05	100,00	500,00	4
Deslocamentos: Santa Maria/Porto Alegre e vice-versa	10	34,00	340,00	4
Gravador	01	70,00	70,00	4
Folhas de ofício	2.000	0,03	60,00	4
Canetas	02	1,00	2,00	4
Fita cassete	10	7,00	70,00	4
Tinta para impressora	03	120,00	360,00	4
Disquetes	06	1,00	6,00	4
Cd-room	02	2,00	4,00	4
Encadernação	10	4,00	40,00	4
Fotocópias	100	0,11	110,00	4

Pesquisador(a):
Matricula / registro: 04190523-3

- 1- Patrocinador
- 2- Agência de Fomento (Anexar comprovante)
- 3- Serviço
- 4- Pesquisador
- 5- Outros

6. ASPECTOS ÉTICOS

Este projeto de pesquisa será encaminhado para avaliação e aprovação da Comissão Científica e do Comitê De Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Serão resguardados às(os) participantes o caráter confidencial e a privacidade, respeitando o anonimato das mesmas e o sigilo do que for tratado, sendo garantido que o estudo será conduzido com respeito ao princípio da ética.

As(os) participantes serão informados sobre os objetivos e procedimentos desta pesquisa, sendo solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo).

A pesquisadora estará à disposição para responder quaisquer dúvidas e fornecer novas informações sobre o estudo.

7. REFERÊNCIAS

- AZAMBUJA, M. P. R. Violência doméstica contra crianças: uma questão de gênero? In: **Violência, gênero e políticas públicas** Org. Marlene N. Strey; Mariana P. R. Azambuja, Fernanda P. Jaeger. Porto Alegre:EDIPUCRS, 2004.
- BAUER, M. W. Análise de Conteúdo Clássica. IN: **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BAUER, M. W.; GASKEL, George & ALLUM, Nicholas. Qualidade, Quantidade e Interesses do Conhecimento-evitando confusões. IN: **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, P. Novas reflexões sobre a dominação masculina. IN: LOPES, Marta J. M., MEYER, D. E., WALDOW, V. R. (orgs.) **Gênero & Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CAPITANIO, A. M. Contexto social esportivo: fonte de stress para a mulher? www.efdeportes.com/ Revista Digital. Buenos Aires Año 10 N 78, noviembre de 2004.
- CHAGAS, D. D. À flor da pele: rompendo o ciclo de violência intrafamiliar. **Dissertação de mestrado não publicada**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2005.
- DE SOUSA, E. S. & ALTERMAN, H. (1999) Meninos e Meninas: Expectativas corporais e implicações na Educação Física Escolar. **Cadernos Cedex**, ano XIX, N.48.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Caderno de Esportes**, “FFP institui jogadora-objeto no Paulista”, 16 de setembro de 2001
- FREITAS, S. G. Mulher, esporte, sexo, imagem corporal e hipocrisia. In: **Palestra de abertura do I Fórum de debates: Mulher & Esporte -Mitos e Verdades**. São Paulo, 20 de junho de 2000.
- GASKEL, G. Entrevistas Individuais e grupais. IN: **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GIFFIN, K. Violencia de Gênero, Sexualidade e Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro 10(suplemento 1): 146-155, 1994.
- GOELLNER, S. V. **Mulher e esporte em perspectiva**. 2004. Disponível em www.esporte.gov.br/arquivos/mulher_esporte/esporte_mulher.pdf.

- GUEDES, M. E. F. Gênero, o que é isso? **Psicologia: ciência e profissão**. N. 1, 2, 3. Ano 15, 1995.
- HULT, J. S. The story of women's athletics: manipulating a dream. 1890-1985. In: COSTA, M.; GUTHRIE, S. eds. **Womens and sport: interdisciplinary perspectives**. Champaign, Human Kinetics, p. 83-106, 1994.
- JAEGER, F. P. Infância e Relações de Gênero In: **Violência, gênero e políticas públicas** Org. Marlene N. Strey; Mariana P. R. Azambuja, Fernanda P. Jaeger. Porto Alegre:EDIPUCRS, 2004.
- KNIJNIK, J. D. (2001) Mulheres no esporte: uma nova roupa velha. www.efdeportes.com/Revista Digital-Buenos aires-año 7 N. 42. Noviembre de 2001.
- KNIJNIK, J. D. & SIMÕES, A. C. Ser é ser percebido: uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil. **Rev. Paulista de Educação Física**. São Paulo, 14(2): 196-213, Jul-Dez. 2000.
- KNIJNIK, J. D. & VASCONCELLOS, E. G. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil In: **Com a Cabeça na Ponta da Chuteira- ensaios sobre Psicologia do Esporte** (Org.) COZAC, J. R. São Paulo: Annablume/Ceppe, 2003.
- KNIJNIK, J. D. & VASCONCELLOS, E. G. Mulheres na área no país do futebol perigo de gol. In: **Mulher e Futebol: mitos e verdades** (Org.) SIMÕES, A São Paulo: Manole, p. 165-175, 2003.
- KOSAKA, L. Os desafios da mulher no ambiente esportivo. Disponível: www.wmulher.com.br. Acessado dia 08 de maio de 2005.
- KUDE, V. M. M. Como se faz análise de dados na pesquisa qualitativa em Psicologia. **PSICO**. Porto Alegre, v. 28, n.,2, p. 183-202, jul/dez, 1997.
- MARTINELLI, M. L. O Uso de Adordagens qualitativas na Pesquisa em serviço social. IN: MARTINELLI, Maria L (org.). **Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999.
- MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1998.
- PAIM, M. C. C & STREY, M. N. Percepção de corpo da mulher que joga futebol. www.efdeportes.com/Revista Digital-Buenos aires-año 10 N. 89 Junio de 2005.
- PETERSEN, A T. Discutindo o uso da categoria gênero e as Teorias que respaldam estudos de gênero. In: **Gênero por escrito: saúde, Identidade e Trabalho_/Orgs_Rosso**,

- Adriane; Mattos, Flora; Werba, Graziela C. & Strey, Marlene Neves. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 15-39, 1999.
- TAMBURRINI, C. T. O Retorno da Amazonas. www.efdeportes.com/ Año 4 N. 13. Buenos Aires, 1999.
- THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna - Teoria Social Crítica na era dos Meios de Comunicação de Massa**. Petrópolis: Vozes, 6^a ed, 2002.
- REDESAÚDE (Rede Nacional Feminista de Direitos Reprodutivos). **Dossiês**. São Paulo: RedeSaúde, 2001.
- REVISTA CLÁUDIA. **As damas de Ouro nas Olimpíadas**. Página 111-113, N. 7 Ano 43, 2004.
- SARAIVA, M. C. **Co-Educação Física e Esportes: Quando a diferença é mito**. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2 ed, 2005.
- SCOTT, J. (1995). Gênero: uma Categoria útil da análise Histórica. **Educação e Realidade**. 20 (20, p. 71-99).
- SETÚBAL A. A. Análise de Conteúdo: suas implicações nos estudos das comunicações. IN: MARTINELLI, Maria L (org.). **Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999.
- SILVA, M. V. Violência contra a mulher: quem mete a colher? São Paulo, Cortez, 1992.
- SILVA, S. A. P. dos S. **A Pesquisa Qualitativa em Educação Física**. Disponível em: <<http://www.efmuzambinho.org.br/refelnet/revusp/edições/1996/uspv10n1/8sheil.htm>> . Acessado em 18/11/04.
- SOIHET, R. História, Mulheres, Gênero: contribuições para um debate. **In Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Org. Neuma Aguiar. Rio de Janeiro: Record: Rosas dos Tempos, p. 95-114, 1997.
- STREY, M. N. O gênero e a escolha da profissão. **PSICO**. v. 28, n. 1, p. 77- 95, 1997.
- STREY, M. N. Gênero: In; Strey, Marlene Neves et al. **Psicologia Social Contemporânea: livro texto**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- STREY, M. N. Violência e Gênero: um casamento que tem tudo para dar certo. IN: GROSSI, Patrícia; WERBA, Graziela C. **Violências e Gênero: coisas que a gente não gostaria de saber**. Porto alegre: EDIPUCRS, 2001.

STREY, M. N. Violência de gênero: uma questão complexa e interminável. In: **Violência, gênero e políticas públicas** Org. Marlene N. Strey; Mariana P. R. Azambuja, Fernanda P. Jaeger. Porto Alegre:EDIPUCRS, 2004.

STREY, M. N & WERBA, Graziela Cucchiarelli. Longe dos olhos, Longe do Coração: ainda a invisibilidade da violência contra a mulher IN: GROSSI, Patrícia; WERBA, Graziela C. **Violências e Gênero**: coisas que a gente não gostaria de saber. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2001.

WERBA, G. C. O Tudo e o Nada: Mulheres e Representações Sociais da Violência contra a Mulher. **Tese de Doutorado não Publicada**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ PUC. Porto Alegre, 2004.

VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESPORTIVO, UMA QUESTÃO DE GÊNERO?

VIOLENCE IN THE SPORTING CONTEXT. IS IT A GENDER ISSUE?

REVISTA BRASILEIRA DE MEDICINA DO ESPORTE

Violência no contexto esportivo. Uma questão de gênero?

Violence in the sporting context. Is it a gender issue?

Maria Cristina Chimelo Paim¹
Marlene Neves Strey²

¹ Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Doutorado em Psicologia. Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS.

² Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Doutorado em Psicologia. Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS – Orientadora

Endereço para correspondência:
Prof^a Ms. Maria Cristina Chimelo Paim
Universidade Luterana do Brasil – Campus de Santa Maria- RS
E-mail: crischimelo@bol.com.br

Violência no contexto esportivo. Uma questão de gênero?

Maria Cristina Chimelo Paim³
Marlene Neves Strey⁴

RESUMO

O presente artigo apresenta uma revisão crítica de literatura sobre a violência no contexto esportivo. As violências no contexto esportivo se apresentam hoje, como um grave problema social. Enfocamos a violência como algo que não faz parte da natureza humana do ser humano, e sim ela é produzida e reproduzida através das ações de homens e mulheres, portanto um fenômeno gerado nos processos sociais, históricos e culturais. Muitos são os episódios de violência física que mancham os esportes, em especial no futebol, agressões entre os jogadores, a violência nas torcidas organizadas, o fanatismo esportivo, entre outros. Mas o foco principal deste artigo é abordar um tipo de violência, que ainda hoje passa muitas vezes despercebido pela maioria das pessoas, é a violência de gênero contra mulher no contexto esportivo. Este é um tipo de violência, silenciosa, que discrimina, exclui e estigmatiza as mulheres atletas. Essa violência, em alguns casos pode se transformar em obstáculos e impedimentos para a participação e progressão da atleta em qualquer terreno esportivo. Deste modo a violência de gênero contra a mulher no esporte, pode ser considerada como um instrumento de poder criado e ratificado pelo sistema patriarcal, uma vez que as assimetrias sociais refletem as relações de dominação e opressão que transformam as desigualdades sociais, econômicas, políticas, em exclusão. Sendo assim essa violência compromete o desenvolvimento saudável da sociedade como um todo e se transforma em um problema também de saúde pública. Esta revisão analisa o assunto procurando despertar à curiosidade e o interesse dos leitores para a produção científica de novos trabalhos relacionados ao tema, visto a insipiência de publicações na área.

Palavras-chave: violência, esporte, gênero.

³ Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Doutorado em Psicologia. Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS.

⁴ Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Doutorado em Psicologia. Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS – Orientadora

Endereço para correspondência:
Prof^a Ms. Maria Cristina Chimelo Paim
Universidade Luterana do Brasil – Campus de Santa Maria- RS
E-mail: crischimelo@bol.com.br

ABSTRACT

This article presents a critical review of the literature about violence in the sporting context. This kind of violence is nowadays a serious social problem. We consider that the violence is not something that constitutes the human beings, but it is produced and reproduced through actions of men and women, so, it is a phenomenon originated on social, historical and cultural processes. There are many events of physical violence that smear sports, especially in soccer games, where we see aggressions among players and supporters and the sporting fanaticism. However, this article is focused in a kind of violence that usually is not noticed by people, the gender violence against women in the sporting context. This one is a silent kind of violence that discriminates, excludes and brands women athletes. In some cases, this violence can become an obstacle and an impediment for the participation and progress of the athlete in any sporting field. So, the gender violence against women in sports can be considered a way of domination created and ratified by the patriarchal system, reflecting the relationships of domination and oppression of our society. These relationships are the ones that transform the social, economical and political inequalities in exclusion. Finally, this violence implicates in an unhealthy development of the whole society and also becomes a problem of public health. This review analyses the topic aiming to rouse the curiosity and interest of readers to the new scientific production related to this topic, taking in consideration the lack of sapience of the productions about this subject.

Key-words: violence, sport, gender

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo escrever, pensar e refletir sobre um fenômeno, que, infelizmente, encontra-se em crescente evidência na atualidade; referimo-nos à violência no contexto esportivo. O esporte, em especial o futebol, tem sido palco de constantes episódios de violência. Essa violência, muito comum entre os jogadores, juizes, comissão técnica, dentro de campo, muitas vezes extrapola o recinto da competição, influencia negativamente os espectadores, estimula a formação de torcidas organizadas, aumenta o preconceito e os estereótipos de gênero, entre outros. Esses são apenas alguns exemplos que envolvem a violência no contexto esportivo. Mas perguntas se fazem pertinentes para tentarmos entendermos a relação entre esporte, violência e gênero: quais fatores sociais impulsionam essa aproximação? O que motiva as pessoas ao comportamento violento no contexto

esportivo? A violência no esporte é uma questão de gênero? Que gênero tem a violência no esporte?

Este texto não tem a pretensão de esgotar tais questionamentos, mas será um espaço de reflexão sobre tais inquietações, onde tentaremos discutir as aproximações entre violência e gênero no contexto esportivo.

VIOLÊNCIA, ESPORTE E RELAÇÕES DE GÊNERO.

A origem etimológica da palavra violência vem do latim, *vis*, que significa força, vigor, potência, violência, emprego de força física, mas também quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de uma coisa^{1 2}. De acordo com Chauí³, violência significa todo ato de força contra a natureza de algum ser; de força contra a espontaneidade, à vontade e a liberdade de alguém; de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade; de transgressão contra aquelas coisas e ações que determinada sociedade define como justas e como um direito. É, portanto, um ato de brutalidade, abuso físico e ou psíquico contra alguém e caracteriza relações sociais calcadas pela opressão, intimidação, pelo medo, pelo terror.

No presente artigo, assume-se a violência como algo que não faz parte da natureza do ser humano, mas como resultado das relações sociais, nem sempre justas e igualitárias.

A violência, de acordo com a Asociación pro Derechos Humanos⁴, é uma forma de exercício de poder mediante o empenho da força física ou psicológica e implica altos e baixos, fatos e símbolos que adotam, habitualmente, a forma de papéis que se complementam: pai-filho, homem-mulher, professor-aluno, patrão-empregado, jovem-velho, etc.

Para ilustrarmos os tipos de violência presentes nas relações sociais recorreremos a Werba⁵, quando diz que, os atropelamentos, agressões físicas, assaltos, seqüestros, assassinatos, torturas, estropos, guerras, etc., são os exemplos mais comuns de violência, e configuram a violência física. Também podemos citar a violência em âmbito econômico, quando há a privação do dinheiro, há o trabalho escravo. A violência sexual ocorre quando a pessoa é obrigada a realizar qualquer ato sexual contra a sua vontade⁶. A violência simbólica, de acordo com Bourdieu⁷ tem o poder de construção da realidade, através de símbolos, que tendem a estabelecer o sentido imediato do mundo, em particular do mundo social. A violência simbólica pode ser exercida por diferentes instituições da sociedade, como o Estado, a mídia, a escola. A violência psicológica, que conforme a Rede Saúde⁸, é toda a ação ou omissão que causa ou visa dano à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa.

Para Pereira⁹, Pimenta¹⁰ e Waiselfisz¹¹, a violência é um fenômeno que se encontra disseminado em diversas instituições da sociedade, tais como a família, a escola e o esporte. Esta se faz, cada vez mais presente em nossa sociedade, afetando a população de um modo geral, perpassando a todas as pessoas, independente de sua classe social, raça, gênero. Desta forma, pensar, discutir e refletir sobre a violência torna-se um elemento fundamental para compreendermos a dinâmica cultural contemporânea.

O tema violência vem ganhando parte significativa na agenda social, em especial nos veículos de comunicação de massa. Também nos meios acadêmicos muitos estudiosos têm se dedicado ao tema. Em muitas emissoras de televisão o tema violência é garantia de altos índices de audiência, fazendo com que a população vivencie diariamente cenas de assaltos, tiroteios, chacinas, seqüestros, ataques terroristas, e, mais recentemente, ter o (des) privilégio de presenciar uma guerra ao vivo.

Na mídia esportiva, o tema violência vem ganhando constantes destaques, com episódios lamentáveis de agressões entre torcedores, com jogadores se agredindo fisicamente dentro de campo, com a presença de preconceitos raciais e de gênero, entre outros.

Betti¹², em seu livro a “Violência em Campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo”, coloca que o incremento e a comercialização do futebol profissional nas últimas décadas provocou uma profunda alteração neste esporte, no que diz respeito às pressões que os atletas sofrem, como por exemplo: de terem que ganhar a qualquer preço, pressões dos patrocinadores, da mídia, etc. Essas pressões fazem em muitos casos, que os jogadores transgridam as regras que regem os esportes, ocasionando um aumento de comportamentos violentos, sejam eles físicos ou verbais.

No dia 13 de abril de 2005, o jornal “Zero Hora”, de Porto Alegre/RS¹³, publicou em seu caderno Esportes, uma matéria sob o título: ”torcida de várzea em Milão”, onde relatava um dos tantos episódios de violência que vêm ocorrendo no mundo esportivo, quando o goleiro Dida foi atingido por um sinalizador, ou seja, um rojão que foi jogado pela torcida, logo após o árbitro ter anulado o gol de empate da Inter.

Outro caso bastante divulgado na mídia é o grande aumento de preconceitos racistas, como, por exemplo, chamarem determinado jogador de macaco, ou às vezes a torcida imitar um macaco, toda vez que determinado jogador toque na bola, nos estádios de futebol. Na revista veja de 30 de março de 2005, a reportagem: “os craques chutam o racismo”, fala do preconceito nos estádios de futebol e da revolta dos jogadores contra essas manifestações de violência, o que está motivando a Europa a lançar campanha anti-racismo nos estádios de futebol ¹⁴.

Aqui no Brasil, no dia 14 de abril de 2005, durante o jogo entre São Paulo e o Quilmes, time argentino, tivemos um episódio de racismo envolvendo o jogador brasileiro, Grafite e o jogador argentino Desábato. Durante a partida Grafite foi vítima de violência, ou seja, palavras de cunho racista, as quais partiram do jogador Desábato, após uma entrada violenta de Grafite. O caso ganhou proporções extra estádio, que resultaram na prisão do jogador argentino¹⁵.

Pinsky e Col¹⁶, em seu livro “Fases do fanatismo”, no último bloco, analisam o fanatismo esportivo. O fanatismo é uma manifestação de grupos que se consideram detentores de uma verdade e que ela, “a sua verdade”, deve prevalecer, nem que seja às custas da vida do outro. No caso do esporte, o torcedor fanático é um indivíduo, por exemplo, que é torcedor do Corinthians, e tem absoluta convicção de que aquele que não é suficientemente corinthiano, não serve para nada. O outro não é adversário, mas sim, um inimigo. Mas o perigo do fanático ou do fanatismo consiste exatamente na certeza absoluta e incontestável que ele tem a respeito de suas verdades. Ele tem uma verdade, que significa, não qualquer verdade, mas a Verdade. O fanático não aceita discussões ou questionamentos racionais com relação àquilo que apresenta como sendo seu conhecimento.

Percebe-se que há um deslocamento dos motivos que presidiram a formação das torcidas organizadas, que era de incentivar o clube do coração, e se cria um grupo de solidariedade, que se auto protege, e luta contra um inimigo imaginário, que em muitos casos, parece ser toda a sociedade. Uma revolta gratuita. As torcidas organizadas formam grupos, cobram mensalidade, vendem camisetas, etc. Em muitos casos já virou um negócio. Os chefes das torcidas não podem ver seu time perder, pois as vendas caem. Assim o interesse deles não é mais torcer pelo clube do coração, e sim vender produtos. Em algumas cidades eles saem às ruas após os jogos quebrando tudo, automóveis, lâmpadas dos postes,

vidraças de vitrines, destroem placas de trânsito, sem falar no que já destruíram dentro do estádio, principalmente se for do time adversário.

A prática esportiva e/ou a participação em uma torcida, constitui momento de expansão das emoções reprimida pelo meio social cotidiano. Assim, é no coletivo da torcida que o indivíduo encontra identidade e afinidade para manifestar suas repulsas e fazer coisas que não faria isoladamente. É a manifestação do sentimento de impotência e da frustração pessoal, diluídas no coletivo das arquibancadas.

O torcedor, no nicho das torcidas organizadas, não é mais um mero espectador do jogo. Em muitos casos, de acordo com Pimenta¹⁷, ele dita as regras, ele é parte do espetáculo. No grupo, ele expressa sua masculinidade, sua solidariedade, seu companheirismo, sua pertença a um grupo. Os torcedores representados nessas torcidas são pessoas de todas as classes sociais, que vão aos estádios pela diversão, pela viagem, pela bebida, pelo sentimento de excitação do jogo, e, até pelo prazer de atos de violência. São na maioria homens jovens, sendo que atualmente, encontramos a presença feminina, que, em episódios violentos, é protegida por seus pares, permanecendo fora dos conflitos. Vale ressaltar, segundo Da Silva¹⁸, que em muitos casos, a disputa por uma mulher do grupo, pode ser o estopim de um acontecimento violento.

Outro tipo comum de violência, no contexto esportivo, é o que discrimina a mulher esportiva, com preconceitos e estereótipos. Esses preconceitos, estigmas, quando afetam direta e individualmente as atletas, oprimindo-as psicologicamente, ou transformando-se em obstáculos e impedimentos para a participação e progressão da atleta em qualquer terreno esportivo, ou seja, afetando ou violando os seus direitos, refletem um tipo especial de violência, ou seja, a violência de gênero, neste caso a mulher esportista.

A prática de esportes ainda é considerada uma atividade de domínio masculino pela sociedade, principalmente, em se tratando de esportes como o futebol, o handebol, as lutas. Às mulheres é permitida a participação nas ginásticas, balés e atividades físicas ditas femininas, que, por sua vez, são modalidades “proibidas” para os homens. Alguns autores como, Saffioti¹⁹; Strey²⁰, referem-se a um conceito chamado de violência de gênero, para definir essa situação, na qual, aparecem às relações entre a violência e as relações de gênero.

Mesmo com muitas polêmicas à volta do conceito de gênero, achamos que é indispensável definir qual o entendimento que temos sobre o mesmo. É bastante comum a questão do gênero aparecer em estudos e pesquisas e nos discursos de profissionais de diversas áreas, assim como nos meios de comunicação. Mas afinal, o que é gênero?

Para falarmos em gênero, é necessário antes esclarecermos algumas questões iniciais, como as diferenças entre sexo e gênero, embora ambos sejam conceito construído social, cultural e historicamente. Segundo Strey²¹ sexo diz respeito aos aspectos biológicos dos seres humanos, sendo um sistema multivariado e seqüencial, incluindo o lado cromossômico, o hormonal, o fetal, o gonadal e o morfológico. Assim, sexo é o que caracteriza física e biologicamente a mulher e o homem. Já o gênero, é normatizado, a partir dos órgãos externos dos bebês. Emerge aparentemente como fruto do consenso e não do conflito, influencia comportamentos, interesses, estilos de vida, tendências, responsabilidades, papéis sociais, auto-imagem, auto-estima e personalidade.

De acordo com Oliveira²², o sexo identifica as diferenças biológicas e seu papel termina na reprodução. O gênero é o conjunto de características e comportamentos que cada sociedade atribui a cada um dos sexos. Sua influência ou seu papel estende-se ao longo da vida, nutrindo-se pelas idéias políticas, religiosas, científicas, etc. É também, uma

construção social e histórica, onde está inserido o conceito de pluralidade, pois nas diversas sociedades, encontramos diferentes concepções de homem e mulher, sendo essas concepções também diversificadas, conforme a religião, classe, raça, idade, etc. No entanto são reconhecidos os sexos biológicos: macho e fêmea, e os gêneros sociais: feminino e masculino²³.

O termo gênero apareceu primeiramente entre as feministas americanas, para salientar a construção social e normativa das diferenças entre homens e mulheres. Segundo Soihert²⁴, a palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual. Assim, gênero sublinha o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através de um estudo que os considere em separado. Tratando de relações, diferenças, normas, denotam que tanto as mulheres como os homens, só podem se entender e serem entendidos, em função uns dos outros. O caráter relacional diz respeito às relações de dominação e opressão que transformam as diferenças biológicas entre os sexos em desigualdades, escolhas, trajetórias, vivências, lugares, interesses²⁵.

Definir gênero não é tarefa fácil, pois além de apresentar vários significados, agrupa no seu bojo os sentidos mais amplos ligados a caracteres convencionalmente estabelecidos. No presente artigo, nos baseamos prioritariamente no conceito de Scott²⁶. A autora divide o conceito de gênero em duas proposições. Na primeira, considera gênero como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; na segunda, gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Assim para a autora, os gêneros são produzidos nas e pelas relações de poder. Nesta perspectiva pode-se dizer que é a sociedade quem define, ou dita as características que devem fazer parte do universo masculino e feminino.

Com a incorporação das questões de gênero na sociedade, surgiram os estereótipos, que tendem a classificar essas categorias como representativas destes grupos. Como característica feminina geralmente aparece a submissão, a fragilidade, a fraqueza física. A mulher é percebida, nas concepções estereotipadas tradicionais, como: “incapaz” de produzir, física e intelectualmente, tanto quanto o homem, sendo inferiorizada na sociedade. Como característica masculina geralmente aparece a força física e intelectual, o poder, a superioridade, o guerreiro²⁷.

A violência de gênero é o reflexo das relações desiguais entre os sexos, na medida em que nos identifica quem são as pessoas que violentam e quem são as pessoas que sofrem violência. Para Strey & Werba²⁸ a violência de gênero é praticada pela pessoa ou instituição que detém o poder para punir física e ou emocionalmente, mandar e controlar visível ou invisivelmente a conduta das diferentes categorias sociais.

Nesse sentido, violência de gênero, ou violência contra a mulher, segundo Aznar²⁹(p. 428):

“É todo ato de força física ou verbal, coersão ou privação ameaçadora para a vida, dirigida às mulheres, que cause danos físicos ou psicológicos, humilhação ou privação arbitrária da liberdade e que perpetue a subordinação feminina, a qual tem por objetivo estabelecer os limites de controle que se exerce contra a mulher”.

Para o entendimento da violência de gênero, é fundamental entendermos que sua gênese e manutenção na sociedade estão relacionadas ao conceito de patriarcado. As relações assimétricas entre os gêneros vêm mostrando que as sociedades patriarcais engendram e sustentam relações e modos de produção nos quais os homens como categoria social levam vantagens sobre as mulheres, nas mesmas condições.

O sistema patriarcal corresponde a uma organização social que se rege por dois princípios básicos: as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens, assim como os mais jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos³⁰. No exercício da função patriarcal, cabe aos homens o controle da conduta das categorias sociais, mulheres, crianças, adolescentes, os mais jovens, etc., recebendo autorização ou tolerância da sociedade para punir o comportamento tido como desviante³¹.

O controle da conduta das categorias sociais, não é exercido apenas por indivíduos do sexo masculino, pois a ordem patriarcal de gênero é tão difundida que é exercida por outros agentes sociais, como uma mulher, por exemplo – podendo também afetar a outro homem, ou contra outra mulher ou criança. Portanto, a violência contra mulheres, crianças, adolescentes e idosos, é uma consequência da cultura patriarcal que valoriza a agressividade masculina. Dessa forma, pode-se dizer que, quando uma pessoa tem seus direitos, sejam eles direitos mais elementares ou os mais complexos, violados, estamos diante de uma violência. Se a violência ocorre pelo fato da vítima pertencer a um determinado gênero, no caso, pelo fato de ser mulher, trata-se de uma violência de gênero ou violência contra a mulher³².

A violência de gênero constitui elemento fundamental, das relações desiguais, existentes entre homens, mulheres, crianças, adultos e idosos, inseridos nas sociedades patriarcais. Essas desigualdades refletem as relações de dominação e de opressão que transformam as desigualdades sociais, econômicas, políticas, em exclusão. Fazendo-se presente, a violência de gênero, na política, nas leis, no mercado de trabalho, nas idéias veiculadas na mídia, na família, na escola, na economia, no esporte, etc.,

Apesar da evolução e atuação feminina em todos os setores da sociedade, inclusive no esporte, não significa que, a participação ativa da mulher no esporte, não continue sendo

motivo de questionamentos. O ambiente esportivo é envolto por sentimentos tais como: vontade de vencer, agressividade esportiva, destruição simbólica do adversário, combate físico, etc, características atribuídas ao ideal masculino³³. Desta forma, uma ação mais ríspida, executada por uma mulher, oriunda de uma determinada jogada, pode ser mal interpretada, dando origem a preconceitos, discriminações, estereótipos, oriundos muitas vezes da família das atletas, da mídia, e da sociedade em geral. Nesse sentido, podemos citar alguns exemplos como: piadas estigmatizantes, insinuações quanto à sexualidade da atleta, a falta de apoio social para as mulheres que desejam ingressar no esporte, os comentários e fotos machistas utilizadas pelas mídias, a exaltação da beleza física da atleta em detrimento do talento esportivo, etc.

A reportagem do Caderno de Esportes da Folha de São Paulo de 16 de setembro de 2001, com o título “FPF institui jogadora-objeto no Paulista”, ilustram bem essas discriminações. A reportagem relatava que a Federação Paulista de Futebol, na organização da modalidade na versão feminina, tinha como objetivo principal o embelezamento das atletas, unindo a imagem do futebol à feminilidade. Era exigência da Federação as atletas não terem mais de 23 anos e possuírem cabelos compridos³⁴.

O contexto esportivo, em seus vários níveis, seja amador ou profissional, ainda é bem machista. Embora haja um grande aumento de mulheres envolvidas com a prática do esporte, o mercado de trabalho para a mulher é mais restrito do que para o homem. Os cargos administrativos são, na sua grande maioria, ocupados por homens. Há mais equipes masculinas inscritas nas competições, há mais técnicos, mais comentaristas, mais repórteres especializados. Os salários das equipes femininas são bem inferiores, quando comparados aos salários das equipes masculinas, entre outros.

Um exemplo que vale a penas ser lembrado, e que ilustra bem a atual situação da mulher no contexto esportivo, é a exclusão da mulher no Comitê Olímpico Internacional (COI). Até agora, todos os brasileiros que fizeram parte do comitê são homens, e também a insignificância dos salários e a falta de patrocínio, das jogadoras de futebol feminino da Seleção brasileira.

Para o entendimento da violência contra a mulher no esporte, em especial da violência psicológica e simbólica, é imprescindível que não se dissocie a questão de gênero, pois estas mantêm uma relação bastante estreita. Historicamente, as mulheres têm vivido numa cultura masculina, que coloca inúmeros obstáculos, quando querem ultrapassar os tradicionais papéis que a sociedade tenta impor a ambos os sexos.

Vivemos, portanto, numa sociedade desigual quanto ao gênero, sendo o homem o possuidor do papel de dominador. Esta constatação, aliada às reflexões do movimento feminista a respeito da impossibilidade do entendimento das mulheres a partir de pressupostos universais genéricos, leva-nos a refletir sobre a impossibilidade de se analisar criticamente a categoria “esporte” sem um recorte de gênero, pois seria também ocultador do real entender que as relações entre os esportistas não são atravessadas por relações de gênero.

Estas relações sociais são assimétricas e hierarquizadas. A desigualdade é mantida e legitimada pelo sistema simbólico e representacional³⁵. Sendo assim, a violência de gênero se faz presente na desigualdade, no desprestígio social, na falta de oportunidades, no baixo status enfim, na inferioridade conferida às atividades socialmente atribuídas às condutas e possibilidades reservadas para o gênero feminino. Estas considerações apresentam-se bastante visíveis no contexto esportivo.

Uma tentativa de entendermos e explicarmos esses preconceitos e discriminações sofridas pela mulher no esporte está no entendimento da cultura da masculinidade. De acordo com Saraiva³⁶ e Strey³⁷ para o entendimento dessa cultura, devemos nos reportar à maneira como meninos, adolescentes e homens constroem a sua masculinidade, ou seja, que modelos de comportamentos são seguidos, como vêm e interagem com as meninas, com as adolescentes e com as mulheres. Esses modelos, infelizmente estão permeados de uma grande dose de violência, pois se espera do comportamento masculino um mínimo de agressividade ou violência, para expressão de sua condição masculina. E, como o esporte ainda é um mundo masculino, não é de se estranhar que seja muito violento dentro e fora do campo.

A inserção social das mulheres no contexto esportivo é um processo lento que começou há pouco tempo, face ao longo período em que lhes eram impostas condições de submissão, reclusão e impotência. Hoje, ainda que continuem existindo barreiras como os preconceitos, os estereótipos, a falta de incentivo e patrocínio para as mulheres se desenvolverem e crescerem no esporte, encontramos um número expressivo de mulheres envolvidas com a prática esportiva.

Desta forma, percebe-se que a mulher vem buscando seu espaço e sua identidade no contexto esportivo, assim como na sociedade. Desde a participação solitária de Maria Lenk, primeira brasileira a participar dos Jogos Olímpicos, em Los Angeles, no ano de 1932, até a grande delegação feminina enviada pelo Brasil nos jogos de Atenas em 2004, muitas foram as conquistas alcançadas pelas mulheres no esporte. Porém, ainda estão muito longe de conseguir plena igualdade e equidade quando comparadas aos atletas homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base às reflexões levantadas no presente artigo, identificamos que as relações entre esporte, violência e gênero, apresentam uma estreita conexão, formando um fenômeno extremamente complexo. Os sentimentos desencadeados nos esportes se expressam através de um conjunto de práticas sociais, as quais mantêm estreitas ligações com a construção de gênero dos participantes. O esporte, ainda é atualmente, um mundo masculino. Estudiosos como Shinabargar³⁸ e Cecchetto³⁹ (2004), dizem que, talvez o esporte seja o mais importante rito social para a identidade masculina, pois ele incorpora os traços idealizados como masculinos: a agressividade, a lealdade, a competitividade, o combate, a rivalidade, o prazer da vitória, etc.

Homens e mulheres são produtos dos diferentes tipos de sociedade que, via de regra, reforçam as diferenças pessoais e sociais na manutenção do “status quo”. Devido à relação íntima entre esporte e masculinidade, os preconceitos e estereótipos face às mulheres atletas cruzam os limites das mais variadas formas de discriminação. As relações sociais desenvolveram e legitimaram, através dos tempos, inúmeros preconceitos e falsas consciências, que limitam a participação feminina em modalidades esportivas competitivas ou não, as quais dizem respeito aos homens. Por essa razão o estereótipo de ideal feminino se dissocia da mulher atleta, representando um produto de papéis conflitantes com os próprios valores de desigualdade social entre aquele que supostamente domina, ou seja, o homem, e o que é supostamente dominado, ou seja, a mulher. Aos poucos, as mulheres vêm estabelecendo critérios e estratégias para seu envolvimento cada vez mais acentuado no esporte, em um contexto que atravessa os valores fundamentados pelo domínio masculino. Pensamos que as mulheres não devem buscar a igualdade entre os gêneros no esporte, mas

sim, a equivalência de direitos e, por conseguinte, de deveres. Somente através desta busca construiremos relações sociais baseadas em valores de equidade e justiça para todos (as).

REFERÊNCIAS

¹ Michaud, Y. **A Violência**. Tradução de L. Garcia. São Paulo: Ática, 1989.

² Zimerman, D. E. **Fundamentos Básicos da Grupoterapias**. 2000, 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas,.

³ Chaui, M. Ética e violência. **Teoria & Debate**. São Paulo. Fundação Perseu Abramo 1998. N. 39, p 32-41. out/nov/dez.

⁴ Asociación Pro Derechos Humanos. **La violencia familiar: actitudes y representaciones sociales**. Madrid: Fundamentos, 1999.

⁵ Werba, G. C. O Tudo e o Nada: Mulheres e Representações Sociais da Violência contra a Mulher. **Tese de Doutorado não Publicada**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ PUC. Porto Alegre, 2004.

⁶ Strey, M. N. Violência de gênero: uma questão complexa e interminável. In: Violência, gênero e políticas públicas Org. Marlene N. Strey; Mariana P. R. Azambuja, Fernanda P. Jaeger. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

⁷ Bourdieu, P. Novas reflexões sobre a dominação masculina. IN: Lopes, Marta J. M., Meyer, D. E., Waldow, V. R. (orgs.) **Gênero & Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

⁸ Rede Saúde (Rede Nacional Feminista de Direitos Reprodutivos). **Dossiês**. São Paulo: RedeSaúde, 2001.

⁹ Pereira, C. A M. O Brasil do sertão e a mídia televisiva. In: **Linguagens da Violência** (Orgs: Carlos Alberto Messeder Pereira et. al. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

¹⁰ Pimenta, C. A M. Violência entre Torcidas Organizadas de Futebol. **São Paulo em Perspectiva**. 2000, 14 (2), p.122-128.

¹¹ Waiselfisz, J. J. Violência: criminalidade ou cultura? www.uol.com.br/novaescola/ed/152_maio02/juliojacob.doc>. Acessado em 18 de abril de 2005.

¹²Betti, M. Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo. Ed. UNIJUI, 1997.

¹³Jornal Zero Hora. **Caderno Esportes**. Porto Alegre, quarta-feira, 13 de abril de 2005.

¹⁴Linhares, J. & Mizuta, E. Os craques chutam o racismo. **Veja**, 30 de março. 2004, p. 100-101.

¹⁵O Estadão, São Paulo, 14 de abril de 2005. Disponível em www.estadao.com.br/esportes/futebol/noticias/2005/abr/14/28.htm. Acesso em 16 de abril de 2005.

¹⁶Pinsky, J. e Cols. **Faces do Fanatismo**. PINSKY, Jaime (Org.) São Paulo: Editora Contexto, 2004.

¹⁷Pimenta, C. A M. Violência entre Torcidas Organizadas de Futebol. **São Paulo em Perspectiva**.2000, 14 (2), p.122-128.

¹⁸Da Silva, V. H. Relacionamento entre torcidas organizadas e a sociabilidade com os membros femininos. www.efdeportes.com Revista Digital- Buenos Aires – Diciembre 2004. Año 10 – N 79-.

¹⁹Saffioti, H. B. Contribuições Feministas para o Estudo da Violência de Gênero. **Cadernos Pagu**. 2001, (16), p.115-136.

²⁰Strey, M. N. Violência e Gênero: um casamento que tem tudo para dar certo. IN: Grossi, Patrícia; Werba, Graziela C. **Violências e Gênero**: coisas que a gente não gostaria de saber. Porto alegre: EDIPUCRS, 2001.

²¹Strey, M. N. O gênero e a escolha da profissão. **PSICO**. 1997. V. 28, n. 1, p. 77- 95.

²²Oliveira, M. **El sistema sexo-gênero. Uma perspectiva para educación sentimental**. Barcelona: Learia. 1998.

²³Louro, G. L. Nas redes do conceito de gênero. In **Gênero e saúde**/ organizado por Marta Julia Marques Lopes, Dagmar Esterman Meyer e Vera Regina Waldow. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

²⁴Soihet, R.. História, Mulheres, Gênero: contribuições para um debate. In **Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Org. Neuma Aguiar. Rio de Janeiro: Record: Rosas dos Tempos. 1997, p. 95-114.

²⁵Lavinas, L Identidade de gênero: uma categoria da prática. **Papeis avulsos**. 1992, N. 40. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ.

²⁶Scott, J Gênero: uma Categoria útil da análise Histórica. **Educação e Realidade**. 1995, 20 (20, p. 71-99).

-
- ²⁷Strey, M. N. Gênero: In; Strey, Marlene Neves et al. *Psicologia Social Contemporânea: livro texto*. Petrópolis: Vozes 1998.
- ²⁸Strey, M. N & Werba, G. C. Longe dos olhos, Longe do Coração: ainda a invisibilidade da violência contra a mulher IN: GROSSI, Patrícia; WERBA, Graziela C. **Violências e Gênero**: coisas que a gente não gostaria de saber. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2001.
- ²⁹Aznar, R. M. Impacto Social de La Envidia. El Sustrato de Los estereótipos Culturales. IN: BELTRÁN, M. Teresa L.; TOMÉ M. José J. & BENÍTEZ, Eva M. G. (Eds.) **Violencia y Género**. Tomo I, MÁLAGA (CEDMA)- ACTAS, 2000.
- ³⁰Millet, K. **Sexual Politics**. New York: Doubleday & company, 1970
- ³¹Camargo, M. (Org.) **Cadernos de Atenção Básica**: Editado pelo Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde, 2000.
- ³²Werba, G. C. O Tudo e o Nada: Mulheres e Representações Sociais da Violência contra a Mulher. **Tese de Doutorado não Publicada**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ PUC. Porto Alegre, 2004.
- ³³Knijnik, J. D. & Vasconcellos, E G. Mulheres na área no país do futebol perigo de gol. In: *Mulher e Futebol: mitos e verdades* (Org.) SIMÕES, A São Paulo: Manole, p. 165-175, 2003.
- ³⁴Jornal Folha de São Paulo. **Federação Paulista de Futebol. Institui jogadora-objeto no paulista**. 16 de setembro de 2001.
- ³⁵Bourdieu, P. Novas reflexões sobre a dominação masculina. IN: Lopes, Marta J. M., Meyer, D. E., Waldow, V. R. (orgs.) **Gênero & Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- ³⁶Saraiva, M. C. **Co-Educação Física e Esportes: Quando a diferença é mito**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2 ed, 2005.
- ³⁷Strey, M. N. Violência de gênero: uma questão complexa e interminável. In: Violência, gênero e políticas públicas Org. Marlene N. Strey; Mariana P. R. Azambuja, Fernanda P. Jaeger. Porto Alegre:EDIPUCRS, 2004.
- ³⁸Shinabargar, N. Sexismo e Esporte. Uma Crítica feminista, IN: COLEMAN, J. A et alii. **Sociologia da Religião**. Petrópolis: vozes, 1989.
- ³⁹Cecchetto, F. R. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Ed da FGV, 2004.

**A FACE OCULTA DAS VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER NO
CONTEXTO ESPORTIVO**

**THE INVISIBLE FACE OF VIOLENCES AGAINST WOMAN IN THE
SPORTING CONTEXT**

REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS

**A FACE OCULTA DAS VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER NO
CONTEXTO ESPORTIVO.¹**

**THE INVISIBLE FACE OF THE VIOLENCE AGAINST WOMAN IN
THE SPORTING CONTEXT**

**Maria Cristina Chimelo Paim²
Marlene Neves Strey³**

¹ Este artigo integra a tese de doutorado: Violência contra a mulher no esporte sob a perspectiva de gênero. Apoio da agência financiadora CAPES.

² Maria Cristina Chimelo Paim é Professora de Educação Física da ULBRA/SM, doutoranda em Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. Endereço para correspondência: crischimelo@bol.com.br.

³ Marlene Neves Strey é Psicóloga. Doutora em Psicologia Social (UAM-Espanha). Pesquisadora do CNPq. Orientadora da tese de doutorado, da qual o presente artigo faz parte.

RESUMO

Este estudo visa compreender como homens e mulheres atletas percebem a violência, a violência no esporte e a violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo. Participaram do estudo vinte atletas de handebol e futsal, na faixa etária entre 18-28 anos. Sendo 11 atletas mulheres e 9 atletas homens. As entrevistas foram analisadas através do referencial da hermenêutica de profundidade de Thompson, com a análise temática de conteúdo. Os resultados apontam que a violência, na visão dos(as) atletas, é um instrumento e não um fim. É uma violência aprendida e reproduzida, fruto das desigualdades apresentadas nas relações sociais. O contexto esportivo ainda oferece um dos últimos redutos de masculinidade tradicional, onde a dominação de gênero é bastante presente. A violência de gênero contra a mulher no esporte é entendida como uma relação marcada pelas relações desiguais entre os gêneros, ou seja, do homem sobre a mulher. Esses modos assimétricos de relações sociais de gênero podem ser re-significados, visto que, são sociais e culturalmente construídos, e não são, as essências de mulheres e homens.

Palavras-chave: violência, violência no esporte, violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo.

ABSTRACT

The purpose of this study is to understand how men and women athletes perceive the violence, the violence in the sport and the violence against woman in the sporting context. The study was conducted with twenty handball and soccer athletes, with ages from 18 to 28 years old. There were 11 women and 9 men. The interviews were analyzed based on the Thompson's referential of Depth Hermeneutics and a thematic analysis of the content. Findings show that in the athletes' point of view the violence is an instrument and not a purpose. This violence is learned and reproduced, and it's a result of unequaled social relationships. The sporting context still offers one of the last traditionally masculine environments, where the gender dominance it is very present. Gender-based violence against women is understood as an unequal relation between men and women, based on a power-relation of men over women. These asymmetrical ways of gender-based social relationships can have their meaning reviewed, because they were socially and culturally built, and are not the essence of women and men.

Key-words: violence, violence in the sport, gender-based violence against woman in the sporting

REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS

A face oculta das violências contra a mulher no contexto esportivo.

INTRODUÇÃO

A violência tem-se mostrado presente em diferentes contextos sócio-culturais, ao longo da história da humanidade. Está atrelada à “necessidade” de poder, que é exercido contra o considerado mais fraco; contra a minoria ou, às vezes, contra a maioria, no caso do poder político, esportivo e religioso, transformando-se em alguns casos, em fanatismos e radicalismos.

Assume-se violência, ancorado nos estudos da Sociologia, da Antropologia, da Política, da História e da Psicologia Social, os quais focalizam a violência como parte das ações de homens e mulheres, portanto, como um fenômeno gerado nos processos sociais, históricos e culturais. Dentre os inúmeros conceitos de violência, elegemos um que achamos fundamental para o entendimento do estudo.

Violência é uma forma de sociabilidade, na qual se dá a afirmação de poderes, legitimados por uma determinada norma social, o que lhe confere uma forma de controle social. Sendo que sua forma social contemporânea estaria expressa no excesso de poder que impede o reconhecimento do outro, pessoa, classe, gênero ou raça, mediante o uso da força ou da coerção, provocando algum tipo de dano, configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática atual.⁴

Estudar a violência, hoje, no Brasil, é de fundamental importância para a compreensão da dinâmica cultural brasileira. Sabe-se que a violência está presente não

⁴ José DOS SANTOS et al, 1998.

apenas nas classes de baixa renda, mas encontra-se disseminada em praticamente todos os seguimentos significativos da sociedade. Várias são as formas de violência: a doméstica, a urbana, a comunitária, a institucional, a social, a política, a física, a simbólica, a de gênero, a psicológica, a estrutural, entre outras ⁵. Entretanto, não só a presença evidente e cotidiana desses tipos de violência, abala a sociedade, mas o modo e a intensidade de episódios de violência que parecem emergir de toda parte e em praticamente qualquer contexto social, inclusive no esporte.

O presente estudo, foi motivado pelo crescente aumento das violências no esporte, em especial no futebol. No contexto esportivo, os episódios de violência estão se coisificando, tornando-se cada vez mais freqüentes e permissivos na sociedade contemporânea. Para presenciarmos a cenas de violência, basta assistirmos as transmissões dos campeonatos brasileiros de futebol, nos sábados e domingos. Infelizmente, o tema violência vem ganhando constantes destaques, na mídia esportiva, com episódios lamentáveis de agressões entre torcedores, com jogadores se agredindo fisicamente dentro de campo, agressões a juízes e comissão técnica, violações e transgressões de regras, presença de preconceitos raciais e de gênero, entre outros. Com a detecção desses fatos, percebe-se que o esporte vem perdendo as suas características originais de socialização, de integração, de companheirismo, de afiliação, de reunião social, e está dando espaço para o individualismo, para o isolamento social, para as violências, entre outros.

Mas, além dos casos de violência física que presenciamos no contexto esportivo, constatamos outros tipos de violência, que em muitos casos passa despercebida pela maioria da população, que é a violência psicológica e a violência simbólica. De acordo com a Rede Saúde a violência psicológica é uma ação ou omissão destinada a degradar ou

⁵ Jorge CORSI, 1991; Marlene STREY, 2001 e STREY, 2004.

controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outras pessoas, por meio de intimidação, manipulação, humilhação, isolamento ou qualquer conduta que implique prejuízo à saúde psicológica ou ao desenvolvimento pessoal⁶. Já a violência simbólica, segundo Bourdieu⁷ tem o poder de construção da realidade, que tende a estabelecer o sentido imediato do mundo, em particular do mundo social. Neste tipo de violência, encontra-se, por exemplo, a maneira como é explorada a imagem feminina nos meios de comunicação de massa, onde os programas e novelas retratam a imagem feminina com uma conformação inferior e estereotipada. Estes tipos de violência ficam evidenciados, quando focamos a participação da mulher no esporte, pois mesmo com todas as suas conquistas, a sociedade não delega total direito de participação para as mulheres no contexto esportivo, que continua sendo um ambiente masculino, visto o grande número de preconceitos, discriminações, estereótipos, que ainda permeiam a prática da mulher no esporte.

Quando esses preconceitos, discriminações, estigmas, afetam direta e individualmente as atletas, ferindo-as psicologicamente, transformando-se em obstáculos e impedimentos para a participação e progressão da mulher em qualquer terreno esportivo, ou seja, violando seus direitos, mais comuns e elementares, estamos diante de um tipo de violência. Nesse caso, de acordo com Saffioti, Werba e Strey⁸, referimo-nos ao conceito de violência de gênero, que segundo as autoras é todo ato de força física, verbal, psicológica ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não é de sua vontade, tolhendo a liberdade, incomodando e impedindo a vítima de manifestar seu desejo, sob pena de ser gravemente ameaçada(o) ou até mesmo espancada(o), lesionada(o) ou morta(o). No caso do presente estudo, as vítimas são as mulheres esportistas, mas este tipo de

⁶ REDE SAÚDE, 2001.

⁷ BORDIEU, Pierre, 1996.

⁸ Heleieth SAFFIOTI, 2001 ; Graciela WERBA, 2004 & STREY, 2004.

violência pode ser estendido às pessoas que se encontram em desvantagens de poder, como por exemplo: quando o poder, não é exercido apenas por indivíduos do sexo masculino, pois a ordem patriarcal de gênero é tão difundida que é exercida por outros agentes sociais, como uma mulher, por exemplo, podendo afetar a outro homem, outra mulher, uma criança, um idoso.

A violência de gênero, para Jaeger e Azambuja⁹, constitui elemento fundamental das relações assimétricas existentes entre homens e mulheres, crianças, adultos e idosos. É o resultado das relações desiguais e injustas entre homens e mulheres, na nossa sociedade, fruto da dominação e da opressão, onde se delega aos homens, o papel de forte, dominador, superior, e às mulheres, o papel de submissa, frágil, inferior. A violência de gênero se faz presente em quase todas as ações humanas como: na política, nas leis, no mercado de trabalho, nas idéias veiculadas na mídia, na família, na escola, na economia, no esporte, etc.,

Apesar do grande aumento da participação feminina no esporte, no qual as mulheres vêm competindo, em quase todos os níveis e modalidades esportivas, para De Sousa & Altmann; Knijnik & Vasconcellos e Capitano¹⁰, o contexto esportivo ainda hoje, é permeado por valores masculinos do tipo “mais forte; mais alto; mais rápido; mais musculoso, etc.”, o que faz muitas vezes, que as mulheres que se envolvem no esporte, sejam vítimas de questionamentos, de controvérsias, de preconceitos, de discriminações, e de estereótipos, oriundos muitas vezes da família das próprias atletas, da mídia, e da sociedade em geral.

⁹ Fernanda JAEGER, 2004; Mariana AZAMBUJA 2004.

¹⁰ Eustáquia DE SOUSA & Helena ALTMANN, 1999; Jorge KNIJNIK & Esdras VASCONCELLOS 2003; Ana CAPITANIO, 2003.

Estudos realizados por Paim & Strey e Paim¹¹, com adolescentes esportistas e não esportistas, corroboram nossa colocação, pois nos mostram que é bastante freqüente a incidência de estereótipos de gênero com relação à participação da mulher no esporte, em especial no futebol. Esses estereótipos aparecem de várias formas, relacionadas ao corpo musculoso das praticantes; à falta de força física para a mulher enfrentar os treinamentos e jogos; que o ambiente futebol é um ambiente para homens, etc.

Podemos citar também, o recente caso de discriminação da mulher no contexto esportivo, que ocorreu no jogo entre Corinthians e São Paulo, onde duas mulheres fizeram parte do trio de arbitragem. Após o término da partida, o jogador Argentino Carlitos Tevês, do Corinthians, insatisfeito com as decisões das árbitras, como sempre acontece com os atletas do time perdedor, declarou ser contra a participação de mulheres entre os juízes esportivos¹².

Outro aspecto importante a ser salientado de acordo com Saraiva¹³ é que, embora as mulheres já tenham conquistado um lugar nas quadras esportivas, ainda em número bem menor que os homens, permanecem excluídas dos cargos e órgãos decisórios, como é o caso da resistência à participação da mulher no Comitê Olímpico Internacional (COI), pois todos os brasileiros que foram ou são membros do comitê são homens. E também as diferenças de salários entre homens e mulheres atletas, a presença reduzida da mulher entre os técnicos e dirigentes de equipes, etc.

Dessa forma, a partir do que foi relatado, pretende-se com este estudo:

¹¹ Maria PAIM & STREY, 2004; PAIM, 2004a, PAIM, 2004b.

¹² Luiza ELUF, 2005.

¹³ Maria SARAIVA, 2005

Compreender como homens e mulheres atletas de handebol e futsal, na faixa etária ente 18-28 anos, percebem a violência, a violência no esporte e a violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo.

CAMINHOS PERCORRIDOS

Este é um estudo o qual encontra-se ancorado na abordagem de pesquisa qualitativa. De acordo com Silva¹⁴ a pesquisa qualitativa é particularmente útil para investigar questões ligadas à vida das pessoas e aos significados que as mesmas atribuem ao mundo. Os dados foram coletados através de entrevistas em profundidade, em outubro e novembro de 2005, realizadas com atletas de handebol e futsal, sendo 11 atletas do sexo feminino e 9 atletas do sexo masculino, que praticam o esporte há pelo menos um ano.

O processo de escolha dos(as) participantes foi por conveniência, ou seja, dentre os(as) vários(as) atletas contatados, foram entrevistadas os(as) atletas que aceitaram o convite para participar desta pesquisa. Os(as) participantes, são estudantes e atletas amadores de clubes esportivos de handebol e futsal, da cidade de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul. A decisão em pesquisar atletas de futsal e handebol, se deve ao fato de termos encontrado na literatura referências ao futebol, ao handebol e as lutas, como sendo as modalidades esportivas que caracterizam a hegemonia masculina no contexto esportivo (De Sousa & Altmann, 1999). Optamos pelo futsal, por termos encontrado grande número de mulheres praticando essa modalidade esportiva, o que não ocorreu com o futebol.

A maioria dos(as) entrevistados(as) estão cursando ensino superior. Entre os cursos, encontramos Educação Física, Direito, Administração de Empresas e Sistemas de Informação. Cinco dos(as) entrevistados(as), além de jogar e estudar, também trabalham, e

¹⁴ Sheila SILVA, 2004.

dois atletas um homem e uma mulher, apenas trabalham. Esses dois atletas que apenas trabalham, completaram o ensino médio, e almejam cursar uma universidade em breve. A renda familiar varia entre 8 e 12 salários mínimos.

Antecedendo a realização das entrevistas, foi informado o objetivo da pesquisa, apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e solicitada a leitura e assinatura do mesmo, como forma de consentimento da participação. O sigilo e anonimato foram garantidos de modo a preservar a identidade dos(as) participantes. Para a apresentação das falas dos (as) atletas, foram utilizados nomes fictícios, onde foi feita uma homenagem a atletas brasileiros, de alto rendimento, praticantes de diversas modalidades esportivas em épocas diferenciadas. A pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa-CEP-PUCRS sob o ofício nº 913/05.

As entrevistas foram registradas com gravador digital e após a transcrição das entrevistas, foi feito o levantamento dos temas, e para cada um desses temas foram extraídas as falas correspondentes nos textos. Os temas selecionados foram avaliados e resumidos até formarem núcleos de sentidos, que deram origem a categorias. Realizamos o levantamento e análise de conteúdo das 20 entrevistas realizadas com base em Bauer, Setúbal, Kude e Bardin¹⁵, e utilizamos a Hermenêutica de Profundidade de Thompson (2002), como referencial teórico para guiar a análise e interpretação dos resultados.

¹⁵ Martin BAUER, 2003; Aglair SETÚBAL, 1999; Vera KUDE, 1997; Lourence BARDIN, 1991.

COMO OS (AS) ATLETAS PERCEBEM AS VIOLÊNCIAS

Foram vinte entrevistas em que os(as) participantes pensaram e refletiram sobre um tema bastante problemático na atualidade, ou seja, a violência, com atenção especial à violência no contexto esportivo. Para apresentação dos resultados do estudo as falas foram agrupadas em três grandes categorias: a violência; a violência no esporte; a violência de gênero contra a mulher no esporte.

Categoria: Violência

Eu acho que a violência está crescendo cada vez mais, é impossível ter apenas um órgão encarregado de frear a violência no país. Penso que só diminuirá quando a população se conscientizar de que a violência é um sentimento, uma ação que não vai levar a nação a lugar nenhum, e essa consciência deve começar na família (Hortência, 18 anos, atleta de handebol).

Ta difícil, por exemplo, de um prefeito colocar em ordem uma cidade, as pessoas não colaboram. A violência está em todos os lugares. É preciso uma grande conscientização da população, e também diminuir as diferenças sociais (Leila, 20 anos, atleta de futsal).

Os jovens, que se envolvem com a violência, são por causa da influência dos amigos, é pelo uso de drogas. Lembra do caso dos meninos que incendiaram um mendigo em Brasília? Pois é, eles agem na empolgação, e muitos acabam cometendo uma brutalidade dessas (Pelé, 25 anos, atleta de handebol).

Eu acho, ridículo isso na sociedade. Olha só o caso desses países do oriente, vivem em guerra, se matam diariamente. Os atentados em Londres, à morte de pessoas que não sabem nem porque estão morrendo (Dunga, 21 anos, atleta de handebol).

Não deveria existir violência de espécie alguma. Eu acho que com conversa se resolve tudo. Mas às vezes o sangue sobe, e as pessoas ficam irracionais, não se controlam, e aí daí nisso que a gente vê todos os dias (Tostão, 20 anos, atleta de futsal).

Para mim a violência, só é reproduzida por pessoas que vivenciaram atos de violência, é só o exemplo que elas têm, na família, na escola, é isso que elas têm é assim que elas aprenderam (Ronaldo, 26 anos, atleta de futsal).

Nas falas acima, foi possível perceber que a preocupação dos(as) participantes com o aumento da violência em nosso país é bastante acentuada. O tema violência despertou-lhes um sentimento de impotência, por não poderem tomar uma atitude que acabe de vez com esses episódios, o que em alguns casos dificultou aos participantes a livre expressão sobre o tema.

Ficou transparente no discurso analisado, que a violência é um sentimento ou uma atitude grosseira e estúpida, em alguns momentos irracional; é o resultado de fanatismos religiosos e esportivos. Ela é desnecessária. É gerada muitas vezes, pela falta de paciência e diálogo entre as pessoas, pela falta de segurança nos locais públicos. Também pela falta de amor entre as pessoas, e isso se reflete na sociedade, onde em muitos casos há a reprodução de relacionamentos violentos, vivenciados no meio familiar e educacional. É a falta de consciência das pessoas do que é certo e errado, é a falta de limites e controle.

Com uma análise mais detalhada, percebemos que os(as) participantes da pesquisa consideram que a violência é um instrumento e não um fim. É uma violência aprendida e reproduzida, fruto das desigualdades das relações sociais. Tem como base à persuasão, a influência, o não reconhecimento do outro, a negação da dignidade humana, a ausência de compaixão. Percebe-se também, que há a representação de violência como ausência de algum componente como o amor, a espiritualidade, a consciência crítica. Dessa forma, o aumento da violência se deve à interação desses aspectos que contribuem, na sua sinergia, para estimular o aparecimento desses episódios.

Também percebemos através das falas dos(as) atletas, que existem sim alternativas para resolvermos os desencontros causados pela violência. Para os(as) participantes, é através do diálogo, controle das emoções, agindo com cautela, com paciência e muito amor que pode haver superação da violência. Embora demonstrem estar preocupados(as) com o

aumento da violência, ficou evidenciado que é praticamente impossível, apenas com a ação da polícia, frear o aumento desses episódios. A diminuição da violência não depende apenas do poder público, mas também, de uma boa base familiar e uma boa educação, pois as pessoas tendem a reproduzir o que vivenciaram. Se foram vítimas da violência na sua infância, por exemplo, as pessoas ficam mais suscetíveis para a reproduzirem em seus relacionamentos.

A percepção de violência apresentada pelos(as) atletas corrobora com os estudos de Minayo, Dos Santos e Martucelli¹⁶ que não consideram a violência parte da natureza humana, e sim, um complexo e dinâmico fenômeno socialmente construído, um fenômeno psicológico, histórico, político e cultural, bastante complexo¹⁷.

Categoria: Violência no esporte

É um absurdo existir violência no esporte. Hoje de meio dia ouvi uma reportagem, onde dizia que combate da violência nos estádios deveria ficar a cargo dos clubes. Como um clube, só com ajuda da polícia civil vai conseguir garantir a segurança de 40 mil pessoas? (Hortência, 18 anos, atleta de handebol).

Eu acho que deve ter uma punição bem severa contra aqueles que cometam atos violentos e maldosos no esporte. Em especial para as torcidas organizadas, saiu fora da linha, devem ganhar punição. E a pior punição para eles, é não poder assistir o seu time (Ana Paula, 24 anos, atleta de handebol).

É preciso resgatar os sentimentos que fazem parte do esporte, como a cooperação, a solidariedade, a reunião. Eu sei que quando envolve muito dinheiro, como no futebol, a coisa complica um pouco (Jaqueline, 28 anos, atleta de futsal).

Infelizmente temos assistido constantemente cenas de violência nos estádios, principalmente de futebol. Violência nas torcidas organizadas. O escândalo do juiz de futebol, no Brasileiro. Também tem os casos de racismo no futebol, isso é violência, né? (Maradona, 21 anos, atleta de handebol).

¹⁶ Maria MINAYO, 1998; José DOS SANTOS et al., 1998; Danilo MARTUCELLI, 1999.

¹⁷ WERBA, 2004.

O futebol é o esporte do povo, as pessoas que assistem aos jogos, são pessoas humildes, pessoas sofridas, estressadas, com as más condições de vida, que quando vão aos estádios, às vezes fazendo um sacrifício financeiro tremendo, estão com suas emoções bastante abaladas, e acabam extravasando na torcida (Rivelino, 22 anos, atleta de futsal)

No esporte tem o espírito de superação do adversário, a “briga” pela posse de bola, esses aspectos do futebol, às vezes gera alguma confusão, quando entra a maldade de determinados jogadores, em um determinado lance. Mas é um esporte muito bonito e apaixonante (Zeti, 19 anos, atleta de futsal).

A vivência e prática na área da Educação Física e dos esportes permitiu compreender mais claramente as idéias, temores e indignações dos(as) atletas frente os freqüentes episódios de violência no esporte. Os(as) participantes enfatizaram que não se pode confundir violência com emoção esportiva.

Para os(as) atletas a violência no esporte se apresenta de várias formas: a violência verbal, quando há ofensas entre os jogadores, equipe técnica, juízes e torcida. A violência física, que para os(as) atletas, é sempre maldosa e intencional e pode se apresentar de várias maneiras, com a presença de socos, pontapés, entre os jogadores e também nas torcidas organizadas. Os lances normais de contato físico entre os jogadores denominados de agressão esportiva, ou melhor, “garra esportiva”, foram encarados pelos atletas como uma consequência normal do esporte. A violência psicológica, o racismo, apareceram para um entrevistado, sob a forma de interrogação, e também as atitudes resultantes do estresse que a maioria da população vêm enfrentando atualmente.

Para Corsi & Peyrú¹⁸, agressividade é uma característica de todos os seres vivos, já violência é um produto humano. A agressividade permite às pessoas vencerem dificuldades, e ajuda a enfrentarem a vida. É, por exemplo, o que denominamos no esporte, “garra esportiva” aquele espírito de luta que impulsiona os(as) atletas à busca da vitória. A

¹⁸ CORSI & Graciela PEYRÚ, 2003.

cultura, assume um papel essencial na transformação dos potenciais agressivos nesse produto final chamado violência, que segundo os autores, sempre resulta da interação entre natureza e cultura. Com relação ao contexto esportivo ela pode se manifestar de todos os modos já mencionados acima, como por exemplo: a violência entre jogadores, a violência encontrada nas torcidas organizadas, os casos de racismo no esporte, os estereótipos vinculados às mulheres esportistas, entre outros.

Um fator que estimula a violência no contexto esportivo, é a forma como o esporte, o futebol em particular, aqui no Brasil e em muitos países, vêm sendo tratado na atualidade, ou seja, como uma valiosa mercadoria, um comércio, que envolve bilhões de dólares. Entender, os sentimentos que envolvem o futebol, não é tarefa simples. O futebol é o esporte mais popular do Brasil. Seus torcedores sentem-se tão próximos de seus ídolos e de seu clube, que esse envolvimento vai gerando, a partir daí, um sentimento de posse e pertença, muitas vezes perigoso e violento, que pode acabar em comportamentos insensatos (dentro e fora dos estádios) quando, por exemplo, seu time está decidindo um campeonato importante. O envolvimento dos torcedores com o futebol, não acaba com o término dos 90 minutos. Vai muito mais além, em todos os dias da semana, onde os torcedores assumem vários papéis, ou seja, são juízes, técnicos, comentaristas esportivos. Muitos torcedores vivenciam como seus e tentam resolver os problemas apresentados pelo seu time.

Para tentarmos compreender os sentimentos tão intensos gerados no brasileiro, pelo futebol, recorreremos a Toledo e Damo ¹⁹. Em seus estudos colocam que os torcedores vão aos jogos para torcer, empurrar o time ou, em certas circunstâncias, para protestar. Os torcedores, de modo geral, têm uma atitude ativa, participando intensamente do espetáculo.

¹⁹ Cláudio TOLEDO, 1996; Arlei DAMO, 2001.

Veríssimo²⁰ argumenta que nenhum torcedor diria que se “entretém” com seu time, que vai ver um jogo, como quem vai a um concerto. Vai para dilacerar ou ser dilacerado, vai para a guerra, mesmo que seja quase sempre uma guerra metafórica. O futebol para ser atrativo, tem de ser uma séria e quase trágica competição, em busca do coração do inimigo e da glória eterna, mesmo que no ano seguinte, todos voltem a ter zero ponto.

Os(as) atletas que entrevistamos buscam alternativas para o enfrentamento da violência no esporte. Fazem parte dessas alternativas o resgate de sentimentos nobres gerados pelo esporte, ou seja, a cooperação, a solidariedade, o respeito, o companheirismo. Este espírito esportivo, que, já fez parar guerras, por exemplo, têm que prevalecer.

Com relação à violência que extrapola o recinto da competição e se espalha pelas arquibancadas e até mesmo fora dos estádios, os (as) atletas entendem que esta é, infelizmente, uma realidade muito presente no esporte, e que é através de punições severas para os(as) atletas que cometerem atos de violência dentro do jogo e, também, punições para as torcidas organizadas, que se caminhará para o controle da corrupção e da transgressão das regras, o que poderá diminuir a violência no esporte.

Uma solução polêmica para tentar acabar com a violência nos estádios, conforme Kfour²¹, é cobrar o ingresso caro, cada vez mais caro, tornando o futebol, um esporte para a elite. O autor coloca que não são os pobres os responsáveis pela violência, mas são as condições de vida que lhes é oferecida que proporciona o aparecimento dessa. E que a solução está na diminuição das diferenças sociais do país. Em estudo realizado por Pimenta²², três aspectos convergem para justificar a violência entre as torcidas: a juventude, cada vez mais esvaziada de consciência social e coletiva; o modelo de sociedade de

²⁰ Luiz VER'RSSIMO, 1996.

²¹ Juca KFOURI, 1996.

²² Carlos PIMENTA, 2000.

consumo assumido no Brasil, a qual valoriza o individual e o banal; e o prazer gerado pela prática da violência.

Categoria 3: Violência de gênero contra a mulher no esporte

O preconceito é um tipo de violência? Escuto as pessoas dizendo, essa menina vai jogar futebol, isso é esporte para homens? Esse preconceito, não vejo tanto em pessoas do meio esportivo (Fofão, 23 anos, atleta de handebol).

É, mais fácil, os pais darem autorização para os meninos saírem jogar em outra cidade, do que para as meninas (Ana Paula, 24 anos, atleta de handebol).

Na visão do homem brasileiro, o futebol é um esporte para macho, e que as mulheres se mantenham, longe dele (Janete, 21 anos atleta de futsal).

No futebol a mulher sofre preconceito e muito. Não existe campeonato nacional, não há transmissões de campeonatos. Quando tem, é em canais fechados, como a NET, e ainda de campeonatos estrangeiros (Hortência, 18 anos, atleta de handebol).

O que incomoda é a questão da mulher dirigente esportiva. Como foi ressaltado nas olimpíadas de Atenas, onde a organização geral dos jogos ficou a cargo de uma a mulher. A mídia ressaltou tanto, que até parecia, que as mulheres nunca fizeram nada, que não temos competência para isso (Pretinha, 24 anos, atleta de handebol).

As pessoas tratam, nós, as mulheres que praticam futsal, de uma forma estranha. Já ouvi comentários que o futebol é um esporte para homens, que não é ambiente para as mulheres (Jaqueline, 28 anos, atleta de futsal).

No mundo esportivo, para uma mulher ser respeitada, leva muito mais tempo do que um homem. É preciso que esta seja muito competente, seu desempenho esportivo tem que ser 100%. (Sandra, 23 anos, atleta de futsal).

Acho que essa falta de incentivo para as mulheres praticarem futebol, é puro preconceito, a sociedade ainda não esqueceu do antigo papel que a mulher tinha na sociedade, o de dona de casa e mãe, e só isso (Falcão, 20 anos, atleta de handebol).

Os homens ganham mais, que as mulheres. Por exemplo: a seleção feminina de futebol, não tem condições de treino, seu salário é muito baixo, talvez seja porque seu corpo renda menos que o do homem, a mulher é mais frágil fisicamente que o homem, não sei? (Ronaldo, 26 anos, atleta de futsal).

Falar sobre violência de gênero contra a mulher no esporte, não foi tarefa fácil para os(as) participantes. Houve muitas interrogações por parte dos(as) atletas no entendimento do que se tratava de violência contra a mulher no contexto esportivo. Antes de falarem sobre o assunto, havia um silêncio profundo e confundido. Primeiramente, porque nem sempre os(as) atletas percebem que os preconceitos e discriminações são um tipo de violência. E também, porque no contexto esportivo, os(as) atletas convivem com pessoas que percebem o ambiente esportivo de maneiras diferenciadas das outras pessoas. Também percebemos que foi mais fácil para as atletas de futsal, perceberem atitudes discriminatórias e estereotipadas da mulher no esporte. Talvez, seja pelo fato, de serem elas as maiores vítimas dessas discriminações.

Os participantes e as participantes acabaram por descrever diversas formas de violência contra a mulher no esporte profissional. A mulher levaria uma série de desvantagens, quando comparadas aos homens. O salário das atletas é menor; é muito pequeno o número de mulheres envolvidas em cargos administrativos no esporte; o número de campeonatos femininos, em nível municipal, estadual, nacional e internacional é muito menor; o envolvimento da mídia é menor, entre outras diferenças com a situação masculina. Apareceram, também, como percepções de violência, a falta de apoio familiar para as meninas praticarem algum tipo de esporte e as discriminações e preconceitos de todos os tipos, como por exemplo, em relação ao tamanho do corpo da mulher esportista e uma suposta perda de feminilidade, o que acabaria afastando as mulheres do esporte, em especial do futebol.

Os(as) participantes, concordam que as mulheres estão conquistando espaços no mundo esportivo, mas ainda está longe a sua equivalência ao *status* masculino. Parece que, somente quando acabarem os preconceitos e as discriminações que afastam a grande

maioria das mulheres da prática esportiva, é que começará esta equivalência com os homens, e que, para isso acontecer, as mulheres têm que se envolver cada vez mais com cargos esportivos de projeção internacional, como ocorreu com a direção geral das olimpíadas de Atenas. Precisamos de mais mulheres assumindo cargos administrativos. É preciso que haja políticas públicas que incentivem a participação desde cedo das mulheres nos esportes. É preciso que as mulheres sejam respeitadas no mundo esportivo. É preciso que a mídia divulgue campeonatos esportivos femininos e que o governo e as empresas financiem o esporte feminino. Se houver as mesmas condições de prática que os homens, com certeza as mulheres apresentarão resultados equivalentes aos homens.

A análise das falas permitiu apreciar uma diferenciação entre a percepção de homens e mulheres, no que se refere às diferenças salariais. Os atletas homens entrevistados consideram que essa equivalência salarial, principalmente no futebol, vai demorar, pois há um longo caminho a ser percorrido pelas mulheres, no que diz respeito ao desempenho esportivo, visto que o corpo da mulher rende menos, fisicamente, do que o corpo do homem. Foi salientada, também, a questão do reconhecimento, pois as mulheres bonitas ainda levam vantagem sobre as mais feias, que precisam demonstrar constantemente seu desempenho. O discurso dos atletas revelou uma tendência à naturalização das diferenças de gênero, que consideramos como um resultado da conformação de consciências estereotipadas que ocorre no processo de socialização dos seres humanos, reflexo da nossa sociedade patriarcal, onde as relações sociais, entre homens e mulheres, são permeadas pelas desigualdades entre os sexos, ficando subtendido, em princípio, uma maior permissão aos homens, principalmente no terreno esportivo.

No esporte, esses papéis se acentuam, pois desde cedo a sociedade define, ou dita esportes específicos, que devem fazer parte do universo masculino e do feminino. Por

exemplo, esportes que apresentam características tais como: garra, agressividade, combate, liderança, espírito guerreiro, como é o caso do futebol e/ou futsal, são esportes “permitidos” aos homens e “negados” às mulheres. Já para as mulheres, a sociedade permite a prática de esportes, que ressaltem sua feminilidade, como é o caso das ginásticas, das danças.

Na visão de Saraiva²³, vivemos em uma sociedade desigual no campo da Educação Física e do esporte, pois o homem, ainda possui o papel de dominador, e é educado para o esforço. Isso acaba levando à outras diferenças, tais como as diferenças salariais entre atletas homens e mulheres; a falta de incentivos familiares e da sociedade às meninas para a prática de esportes; a quase inexistência de mulheres em cargos de chefia no esporte; a grande incidência e distribuição de anedotas e piadas estigmatizantes sobre as mulheres no esporte.

Encontramos também, apoio nos estudos de Giovani e Melo & Giovane²⁴, onde comprovaram a aplicação de estereótipos por parte de grupos que não apresentam envolvimento no ou com o esporte, reiterando a fala dos (as) entrevistados (as), que a falta de conhecimento e vivência no esporte, propiciam a objetivação de uma imagem distorcida, preconceituosa e estereotipada da mulher atleta. Ao contrário da percepção dos indivíduos que apresentam envolvimento com o esporte, que não as julgam utilizando os mesmos critérios. No entanto, como vimos acima, a realidade apresentada pelos próprios atletas do sexo masculino, entrevistados em nosso estudo, revela a tendência à naturalização das questões de gênero e, em consequência, da possibilidade de violência de gênero encoberta dentro da comunidade esportiva.

²³ SARAIVA, 2005.

²⁴ Adriana GIOVANI, 2002; Gislene MELO & GIOVANI, 2004.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta dessa pesquisa foi uma tentativa de compreender como as mulheres e homens atletas percebem a violência, a violência no esporte e a violência de gênero contra a mulher no esporte.

Em todo material coletado e analisado para essa pesquisa, confirmou-se que:

A violência na visão dos(as) atletas é um instrumento e não um fim. É uma violência aprendida e reproduzida, fruto das desigualdades apresentadas nas relações sociais. Estamos, portanto, diante de um fenômeno complexo, que se manifesta, com maior intensidade, no momento em que os seres humanos encontram-se desprovidos das suas necessidades básicas e essenciais, como a falta de amor, a falta de base emocional, a falta de condições financeiras, a falta de diálogo, a falta de alimentação, a falta de educação, condições essas indispensáveis para termos um desenvolvimento humano digno e aceitável.

É preciso resgatar os sentimentos nobres gerados pelo esporte, ou seja, resgatar a cooperação, a solidariedade, o respeito, o companheirismo, através da promoção de debates, palestras, conferências, ou seja, espaços para se promover o empoderamento e atitudes de enfrentamento da violência no esporte e oferecer novas possibilidades de vivências no esporte.

A violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo revelou crenças e mitos, sobre a participação das mulheres nos esportes, que reforçam as relações de dominação entre os gêneros, tais como: menina não joga futebol, isso é esporte para homens, futebol é um esporte para macho, a mulher no esporte profissional ganha menos, e bem menos, do que o homem, o corpo da mulher é mais frágil fisicamente, do que o corpo do homem, entre outros. Embora, já existam novas possibilidades e alternativas para a equidade nas relações.

Uma alternativa para que as relações de gênero, no cenário esportivo se tornem mais justas, somente acontecerá quando, as instituições de ensino, e em especial os professores e professoras de Educação Física se conscientizem de que não existem atividades físicas masculinas, ou femininas, e sim atividades físicas, que proporcionam as crianças e adolescentes, a vivência rica de movimentos corporais.

Há ainda, um grande caminho a ser percorrido com relação à luta para a equivalência dos gêneros no esporte. Se o contexto esportivo, ainda é marcado pelas desigualdades, que são sociais e culturalmente construídas, isto é, não são a essência dos seres humanos, elas podem ser desconstruídas e resignificadas. E para isso acontecer é preciso um esforço coletivo envolvendo as instituições, a educação, as mídias, a sociedade em geral, num trabalho coletivo para a desnaturalização dos estereótipos de gênero e as normas sexistas presentes no contexto esportivo, que limitam o pleno desenvolvimento e potencialidades motoras, sociais, cognitivas entre outras do ser humano “mulher”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZAMBUJA, Mariana. P. R. Violência doméstica contra crianças: uma questão de gênero? In: *Violência, gênero e políticas públicas* Org. Marlene N. Strey; Mariana P. R. Azambuja, Fernanda P. Jaeger. Porto Alegre:EDIPUCRS, 2004.
- BARDIN, Lourence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: edições 70, 1991.
- BAUER, Martin. W. Análise de Conteúdo Clássica. IN: *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático*. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CAPITANIO, Ana M. Contexto social esportivo: fonte de stress para a mulher? www.efdeportes.com/ Revista Digital. Buenos Aires Año 10 N 78, noviembre de 2004.
- CECCHETTO, Fátima R. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Ed da FGV, 2004.

- CORSI, Jorge *Violência Familiar: uma mirada interdisciplinaria sobre un grave problema social*. Buenos aires: Paidós, 1997.
- CORSI, Jorge & PEYRÚ, Graciela Las Violencias Sociales. IN: *Violencias Sociales: estudios sobre violencia*. CORSI, Jorge & PEYRÚ, Graciela (cord.) Barcelona-España: Ariel, cap. 1, p. 15-79, 2003.
- DAMO, Arlei S. Futebol e Estética. *São Paulo em Perspectiva*, 15 (3), 2001.
- DOS SANTOS, Jose V. T. et al. A palavra e o gesto emparedados: a violencia na escola, in Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (org) *Violência não está com nada*. Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação, 1998.
- DE SOUSA, Eustáquia S. & ALTERMAN, Helena (1999) Meninos e Meninas: Expectativas corporais e implicações na Educação Física Escolar. *Cadernos Cedes*, ano XIX, N.48.
- ELUF, Luiza. N. Juíza em Campo: Futebol não pode discriminar a atuação das mulheres. *Revista Consultor Jurídico*, Setembro de 2005.
- GIOVANI, Adriana Estereótipos sexuais aplicados a nadadoras. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, 10 (2), 27-32, 2002.
- JAEGER, Fernanda P. Infância e Relações de Gênero In: *Violência, gênero e políticas públicas* Org. Marlene N. Strey; Mariana P. R. Azambuja, Fernanda P. Jaeger. Porto Alegre:EDIPUCRS, 2004.
- KFOURI, Juca *Sonhar de olhos abertos*. In: Lerner, L. (ed). Op., p. 61-64, 1996
- KNIJNIK, Jorge D. & SIMÕES, A. C. Ser é ser percebido:uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil. *Rev. Paulista de Educação Física*. São Paulo, 14(2): 196-213, Jul-Dez. 2000.
- KNIJNIK, Jorge D. & VASCONCELLOS, Esdras G. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil In: *Com a Cabeça na Ponta da Chuteira-ensaios sobre Psicologia do Esporte* (Org.) COZAC, J. R.São Paulo: Ceppe, 2003.
- KNIJNIK, Jorge D. & VASCONCELLOS, Esdras G. Mulheres na área no país do futebol perigo de gol. In: *Mulher e Futebol: mitos e verdades* (Org.) SIMÕES, A São Paulo: Manole, p. 165-175, 2003.
- KUDE, Vera M. M. Como se faz análise de dados na pesquisa qualitativa em Psicologia. *PSICO*. Porto Alegre, v. 28, n.,2, p. 183-202, jul/dez, 1997.

- KUNZ, Eleonor O esporte enquanto fator determinante da Educação Física. *Revista Contexto & Educação*. Ijuí: Ed. Unijuí, ano 4, n. 15, p. 63-73, 1989.
- MARTUCELLI, Danilo Reflexões sobre violência na condição moderna. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*. 11(1): p 5-41, 1999.
- MELO, Gislene F. & GIOVANE, Adriana. Estereótipos de Gênero aplicado a Mulheres Atletas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Set-Dez. Vol, 20, n, 3, pp 251-256, 2004.
- MINAYO, Maria C. de S. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1998.
- PAIM, Maria C. C. Visões esterotipadas sobre a mulher no esporte. [www.efdeportes.com/Revista Digital](http://www.efdeportes.com/Revista%20Digital) – Buenos Aires. Año 9 N. 75, agosto de 2004.
- PAIM, Maria C. C & STREY, Marlene N. Percepção de corpo da mulher que joga futebol. [www.efdeportes.com/Revista Digital](http://www.efdeportes.com/Revista%20Digital) - Buenos Aires-año 10 N. 89 Junio de 2005.
- PAIM, Maria C. C. Esterótipos de gênero no futebol. In: *Jornada de atividade física e saúde*. Cachoeira do Sul, 2005.
- PIMENTA, Carlos A M. Violência entre Torcidas Organizadas de Futebol. *São Paulo em Perspectiva*, 14 (2), p.122-128, 2000.
- SAFIOTTI, Heleiieth L. B Contribuições Feministas para o Estudo da Violência de Gênero. *Cadernos Pagu* (16), p.115-136, 2001.
- SARAIVA, Maria C. *Co-Educação Física e Esportes: Quando a diferença é mito*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2 ed, 2005.
- SETÚBAL Aglair A . Análise de Conteúdo: suas implicações nos estudos da comunicações. IN: MARTINELLI, Maria L (org.). *Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras, 1999.
- SILVA, Sheila A . P. dos Santos. *A Pesquisa Qualitativa em Educação Física*. Disponível em:<<http://www.efmuzambinho.org.br/refelnet/revusp/edições/1996/uspv10n1/8sheil.htm>> . Acessado em 18/11/04.
- SHINABARGAR, Nancy Sexismo e Esporte. Uma Crítica feminista, IN: COLEMAN, J. A et al. *Sociologia da Religião*. Petrópolis: vozes, 1989.
- STREY, Marlene N. Violência e Gênero: um casamento que tem tudo para dar certo. IN: GROSSI, Patrícia; WERBA, Graziela C. *Violências e Gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto alegre: EDIPUCRS, 2001.

- STREY, Marlene N. Violência de gênero: uma questão complexa e interminável. In: *Violência, gênero e políticas públicas* Org. Marlene N. Strey; Mariana P. R. Azambuja, Fernanda P. Jaeger. Porto Alegre:EDIPUCRS, 2004.
- TAMBURRINI, Cláudio T. *O Retorno da Amazonas*. Disponível em Revista Digital. www.efdeportes.com/ Año 4 N. 13. Buenos Aires, 1999.
- TOLEDO, Luiz H. *Torcidas Organizadas de Futebol*. São Paulo. Autores Associados, ANPOCS, 1996.
- VERÍSSIMO, Luiz F. “Um Dilema”. *Jornal do Brasil*. 30/11/1996.
- WERBA, Graziela C. *O Tudo e o Nada: Mulheres e Representações Sociais da Violência contra a Mulher. Tese de Doutorado não Publicada*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ PUC. Porto Alegre, 2004.

**MARCAS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA A MULHER NO
CONTEXTO ESPORTIVO**

**IMPRESSIONS OF GENDER-BASED VIOLENCE AGAINST WOMAN
IN THE SPORTING**

PSICOLOGIA & SOCIEDADE
Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social-ABRAPSO

**MARCAS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA A MULHER NO
CONTEXTO ESPORTIVO.²⁵**

**IMPRESSIONS OF GENDER-BASED VIOLENCE AGAINST WOMAN
IN THE SPORTING**

Maria Cristina Chimelo Paim²⁶
Marlene Neves Strey²⁷

²⁵ Este artigo integra a tese de doutorado: Violência contra a mulher no esporte sob a perspectiva de gênero. Apoio da agência financiadora CAPES.

²⁶ Maria Cristina Chimelo Paim é Professora de Educação Física da ULBRA/SM, doutoranda em Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. Endereço para correspondência: Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Campus de Santa Maria/RS. crischimelo@bol.com.br.

²⁷ Marlene Neves Strey é Psicóloga. Doutora em Psicologia Social (UAM-Espanha). Pesquisadora do CNPq. Orientadora da tese de doutorado, da qual o presente artigo faz parte.

RESUMO

O estudo visa compreender como homens e mulheres atletas percebem as consequências da violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo. Participaram do estudo vinte atletas de handebol e futsal. As entrevistas foram analisadas através do referencial da hermenêutica de profundidade de Thompson, com a análise temática de conteúdo. Os resultados apontaram alguns fatores causadores de prejuízos psicológicos para a mulher atleta: O não reconhecimento do ser mulher atleta, ou seja, não ser reconhecida pelo seu desempenho profissional dentro das quadras; as relações sociais no esporte serem constituídas em cima de valores sexistas, e a mulher atleta não viver dignamente através de seu trabalho no contexto esportivo. Esses fatores são formas simbólicas de dominação de gênero, que impedem a construção de uma sociedade justa para homens e mulheres, onde as mulheres tenham também, o direito de decidir, agir, transformar, enfim ser um alguém que se constrói e constrói o mundo.

Palavras-chave: Violência de gênero, esporte, mulher.

ABSTRACT

The purpose of this study is to understand how men and women perceive the consequences of this gender-based violence against woman in the sporting context. The study was conducted with twenty handball and soccer athletes. The interviews were analyzed based on the Thompson's referential of Depth Hermeneutics and a thematic analysis of the content. We noticed some factors they think are the cause of these psychological damages of women athletes. Some of them were the lack of recognition of women athletes as professionals of the sport, and instead of that the appreciation of their beautiful bodies; the fact that the social relationships in the sports environment is based on sexist values, and the fact that women athletes don't live with dignity through their work in the sporting context. These factors are symbolic forms of gender dominance, holding back the construction of a fair society for men and women, where women have the right to decide, act and transform, and mainly the right to be someone who builds herself and builds the world.

Key-words: gender-based violence, sport, woman

PSICOLOGIA & SOCIEDADE

MARCAS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA A MULHER NO CONTEXTO ESPORTIVO.

Maria Cristina Chimelo Paim
Universidade Luterana do Brasil. Doutoutanda pela PUCRS
Marlene Neves strey
Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

INTRODUÇÃO

Estudar a participação das mulheres no esporte assume-se na contemporaneidade, como tema de grande importância, dada as polêmicas, as controvérsias, os preconceitos e os estereótipos que, ainda hoje, circundam o seu envolvimento no contexto esportivo. A participação das mulheres no esporte, tanto no esporte de lazer, no esporte de rendimento ou no esporte educacional, merece nossa atenção e reconhecimento, pois nem sempre foram, e ainda não são iguais às condições de acesso, aceitação e participação, quando comparada aos homens.

Há algumas décadas, as mulheres eram impedidas de participar de qualquer atividade esportiva. Várias foram, e em muitos casos ainda são atualmente, as alegações que afastam as mulheres da prática de atividades físicas, como por exemplo: são fisicamente frágeis quando comparadas aos homens; seu corpo é dotado de docilidade e sentimentos afetivos, qualidades negadas aos homens; sua condição materna deve ser preservada, como garantia de perpetuação da espécie. Outro motivo freqüentemente citado é, pelo fato do contexto esportivo desenvolver e fortalecer o espírito do guerreiro, condição negada às mulheres, que são vistas, ainda hoje, como figuras passivas, sendo consideradas em muitas culturas mais como um objeto a contemplar do que um sujeito ativo (Hult, 1994;

Tamburrini 1999; De Sousa & Altmann 1999; Knijnik & Vasconcellos, 2003 e Capitanio 2004).

O ideal feminino tradicionalmente incorporado pela sociedade é incompatível com a figura da mulher esportista. O contexto esportivo ainda é considerado um ambiente de domínio masculino. De acordo com De Sousa & Altmann (1999); Knijnik & Vasconcellos (2003) e Capitanio (2004), apesar do grande aumento da participação feminina no esporte, o contexto esportivo ainda hoje, é permeado por valores masculinos do tipo “mais forte; mais alto; mais rápido; mais musculoso etc.”, o que faz muitas vezes, com que as mulheres que se envolvem no esporte, sejam vítimas de questionamentos, de controvérsias, de preconceitos, de discriminações, e de estereótipos, oriundos muitas vezes da família das próprias atletas, da mídia, e da sociedade em geral.

Se fizermos uma análise mais cuidadosa das notícias veiculadas pela mídia, sobre a participação feminina nos esportes, verificaremos que elas continuam, de maneira geral, estreitamente ligada à imagem masculina: destacam-se a exaltação da beleza física da atleta em detrimento do talento esportivo, piadas estigmatizantes, insinuações quanto à sexualidade da atleta, e comentários e fotos machistas, entre outros, aparecem com bastante frequência.

Para ilustrar essas idéias podemos citar como exemplo a reportagem do Caderno de Esportes da Folha de São Paulo de 16 de setembro de 2001, que trazia uma matéria de página inteira sobre futebol feminino, com o título “FFP institui jogadora-objeto no Paulista”. A reportagem relatava que a Federação Paulista de Futebol, preocupada em organizar a modalidade na versão feminina, tem como um de seus objetivos principais o embelezamento das atletas, unindo a imagem do futebol à feminilidade. Eram exigências da FPF, que as atletas que participassem do campeonato, deveriam cumprir algumas condições

estéticas: como não ter cabelos raspados, pois a preferência era por mulheres com cabelos compridos; outra exigência referia-se à idade, pois as atletas não poderiam ter mais que 23 anos.

O estudo realizado por Knijnik e Simões (2000) e Knijnik (2001), com a seleção feminina de handebol de alto rendimento no Brasil, concluiu que as atletas são vítimas da violência de âmbito psicológico e simbólico, pois as mesmas apresentam contradições na percepção de sua imagem corporal. Naquela pesquisa, os resultados revelaram que, para as atletas se manterem no esporte de alto nível, precisam perpetuar características estereotipadas tidas como femininas, mesmo que estas se choquem com as necessidades esportivas de sua modalidade. Ou seja, essas atletas necessitam de qualidades físicas como força, velocidade, músculos desenvolvidos, estatura, etc., para ter bom desempenho, mas também gostariam de responder à imagem feminina traduzida em fragilidade, músculos pequenos, ou seja, beleza dentro dos padrões idealizados socialmente, em especial pelas mídias.

Outro exemplo de vitimização sofrida pelas mulheres no esporte, que vale a pena ser lembrado, diz respeito às imagens que as mídias revelam nas transmissões de jogos femininos. De acordo com Freitas (2000), é comum observarmos uma “paradinha” providencial no bum-bum de uma determinada jogadora, exatamente no momento decisivo de determinado lance que deve ser alvo de atenção de todos, e também comentários a respeito do tamanho do uniforme das atletas, ou algo dessa natureza.

Embora haja um grande aumento de mulheres envolvidas com a prática do esporte, o mercado de trabalho no contexto esportivo, para a mulher, é mais restrito do que para o homem. Os cargos administrativos são na sua grande maioria ocupados por homens, há mais equipes masculinas inscritas nas competições, há mais técnicos, mais comentaristas,

mais repórteres especializados. Vale lembrar aqui as barreiras que Lea Campos, mineira de Belo Horizonte, teve que enfrentar na década de 70, para conseguir o seu reconhecimento como árbitra de futebol pela FIFA. Lea, para conseguir tal reconhecimento, teve que recorrer ao Presidente da República da época, General Emílio G. Médice. No mesmo período a judoca gaúcha Lea Linhares, primeira mulher faixa preta no Rio Grande do Sul, não teve seu título reconhecido porque era mulher (Goellner, 2004).

Mesmo nas modalidades onde as equipes femininas são mais representativas internacionalmente, as mesmas são menos valorizadas em relação às equipes masculinas (Kosaka, 2000). Um exemplo é o da seleção feminina brasileira de futebol, que nas últimas Olimpíadas, em Atenas, conquistou medalha de prata, mas suas atletas não ganham salários compatíveis com a equipe masculina, e nem investimentos das empresas. E quanto à equipe masculina, eles ficaram no meio do caminho, ficando assim fora da competição Olímpica (Paim & Strey, 2005).

De acordo com Strey (1998) e Saraiva (2005) diferentes características foram atribuídas historicamente, como fazendo parte do universo masculino e feminino. Assim surgem os estereótipos, que tendem a classificar essas categorias como representativas destes grupos. Estes estereótipos geralmente mostram o sexo feminino como tradicionalmente dominado, com a submissão, a fragilidade e a dependência fazendo parte do papel feminino. A mulher é percebida, nas concepções estereotipadas tradicionais como: “incapaz” de produzir, física e intelectualmente, tanto quanto o homem, sendo inferiorizada na sociedade. Já os estereótipos, normalmente relacionam a figura masculina a características de poder, de força e de superioridade.

Essa diferença estereotipada, atribuída pela sociedade, levou homens e mulheres a viverem em situações de desigualdade (Jaeger, 2004). De acordo com Saraiva (2005), o

contexto que condiciona a submissão da mulher por meio da consolidação da idéia de uma “natureza feminina”, num processo que inicia antes do nascimento e continua através da educação familiar e escolar e que permite produzir indivíduos que aceitem um destino pré-fabricado, ainda é bastante comum em nossos dias, apesar das muitas conquistas obtidas pelas mulheres no século XX, no trabalho, no lazer, na família, na escola, no esporte.

Nessa perspectiva, quando os estereótipos de gênero, os preconceitos, os estigmas, etc., impedem ou limitam as mulheres à participação nos esportes, seja no esporte amador, em forma de lazer ou alto rendimento, configura-se um quadro de violência, ou seja, a violência de gênero, que, de acordo com Strey (2004), está vinculada à distribuição desigual de poder e às relações assimétricas no contexto esportivo, as quais se estabelecem entre homens e mulheres, e que são perpetuadas por ideologias sexistas.

O termo gênero se desenvolveu no âmbito dos estudos da mulher, dentro dos movimentos feministas, para questionar o caráter natural dado às relações desiguais entre os sexos a partir da percepção de que não são os caracteres sexuais que determinam o modo de ser e de agir das pessoas. Gênero, portanto, diz respeito à construção social do que é ser homem e do que é ser mulher em uma sociedade (Giffin, 1994; Strey, 2001).

Dessa forma, o gênero depende de como a sociedade vê a relação que transforma um macho em um homem e uma fêmea em uma mulher. Dentro desta perspectiva pode-se dizer que, uma mulher não nasce uma mulher, ela se torna uma mulher, assim como o homem não nasce homem, ele se torna um homem (Strey, 1998).

O fenômeno da violência também se encontra atravessado por essa perspectiva de gênero, na medida em que nos apresenta quem são as pessoas que violentam e quem são as pessoas que sofrem violência. É neste sentido que a violência de gênero pode ser fundamental para compreendermos a violência no esporte.

Violência de gênero, de acordo com Strey & Werba (2001), envolve ações ou circunstâncias que submetem unidirecionalmente, física e/ou emocionalmente, visível e/ou invisivelmente as pessoas em função de seu sexo. Dessa forma, pode-se dizer que, quando uma pessoa tem seus direitos violados, de qualquer natureza, estamos diante de uma violência. Se a violência ocorre pelo fato da vítima pertencer a um determinado gênero, no caso, pelo fato de ser mulher, trata-se de uma violência de gênero ou violência contra a mulher. O mesmo ocorre no caso das outras categorias, podendo se tratar de violência de raça, de etnia, violência contra a pessoa idosa, contra as crianças, etc. (Werba 2004).

A violência de gênero contra a mulher assume diversas formas, podendo ser físicas, psicológicas, sexuais, econômicas, simbólicas. O tipo mais comum dessa violência, a física, caracteriza-se por: tapas, empurrões, socos, enforcamentos, facadas, tiros, pedradas, etc. A violência psicológica consiste em toda a ação ou omissão que causa ou visa dano à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Não é tão evidente quanto a física, mas geralmente está associada a ela, caracteriza-se: por deboches, insultos, ofensas, ameaças, intimidações, preconceitos, estereótipos, etc. A violência econômica consiste na proibição ao acesso de bens materiais e ao usufruto dos rendimentos provenientes do trabalho remunerado. A violência sexual ocorre quando a pessoa é obrigada a realizar qualquer ato sexual contra a sua vontade, mediante coerção e ameaça (Strey, 2004). A violência simbólica de acordo com Bourdieu (1996), refere-se, por exemplo, à maneira como é explorada a imagem feminina nos meios de comunicação de massa. Esse tipo de violência tem o poder de construção da realidade, através de símbolos, os quais tendem a estabelecer o sentido imediato do mundo social.

As mulheres já conquistaram muitas vitórias e espaços no contexto esportivo. Hoje há a presença das mulheres em praticamente todas as modalidades esportivas, seja de forma

amadora ou de competição. Mas no ambiente esportivo, principalmente em modalidades como o futebol e/ou futsal e o handebol, a situação do preconceito, das barreiras discriminatórias e o desconhecimento do papel da mulher atleta no mundo esportivo, é ainda, um fato muito comum de ser presenciado.

O estudo realizado por Paim & Strey (2005), com adolescentes esportistas, corrobora nossa afirmação, pois nos mostra que ainda é bastante freqüente a presença de estereótipos de gênero com relação à participação da mulher no futebol. Isto pode ser visto no argumento de que a mulher é mais sensível e a prática do futebol exige muita força física, e favorece comportamentos agressivos, os quais são atributos masculinos e não femininos. Dessa forma parece impossível de se conceber que, apesar do futebol ser um ícone da cultura brasileira, e ser identificado como parte integrante do ser brasileiro, o “país do futebol” ainda hoje em dia, exclui, deixando à margem e na sombra, as mulheres que o praticam.

Esses episódios de violência de gênero de âmbito psicológico e simbólico são um fenômeno cada vez mais presente em nossa sociedade, em especial no contexto esportivo. Fato esse que, muitas vezes, ainda hoje, limita, restringe e inibe a participação das mulheres no esporte. Além disso, a gravidade da repercussão das vivências desses preconceitos, discriminações, estereótipos, poderá deixar marcas profundas na subjetividade das vítimas.

Pretende-se com o presente estudo pensar e refletir questões sobre a violência contra a mulher no esporte, escutando homens e mulheres atletas, procurando dessa maneira, contribuir no entendimento e superação dessas práticas excludentes, as quais muitas vezes impedem ou dificultam a participação de mulheres nos esportes. Nosso objetivo é:

Compreender como mulheres e homens atletas, praticantes de handebol e futsal, na faixa etária entre 18-28 anos, percebem as conseqüências da violência contra a mulher no contexto esportivo.

CAMINHOS PERCORRIDOS

Este é um estudo o qual encontra-se ancorado na abordagem de pesquisa qualitativa. De acordo com Silva (2004) a pesquisa qualitativa, é particularmente voltada à compreensão do significado das relações e estruturas sociais. Os dados foram coletados através de entrevistas em profundidade, entre outubro e novembro de 2005, realizadas com 9 atletas de handebol e 11 de futsal, sendo 11 atletas do sexo feminino e 9 atletas do sexo masculino, que praticam o esporte há pelo menos um ano.

Foi feito contato com o responsável pelos clubes, apresentando o projeto de pesquisa e, após a assinatura da carta de autorização, solicitando que a coleta fosse realizada nas dependências do clube, iniciamos os trabalhos. O processo de escolha dos(as) participantes foi por conveniência, ou seja, dentre os(as) vários(as) atletas contatados, foram entrevistadas os(as) atletas que aceitaram o convite para participar desta pesquisa. A decisão em pesquisar atletas de futsal e handebol, se deve ao fato de termos encontrado na literatura referências ao futebol, ao handebol e as lutas, como sendo as modalidades esportivas que caracterizam a hegemonia masculina no contexto esportivo (De Sousa & Altmann, 1999). Desta forma, optamos pelo futsal, por termos encontrado grande número de mulheres praticando a modalidade esportiva, o que não ocorreu com o futebol.

Os(as) participantes, são estudantes e atletas amadores de clubes esportivos de handebol e futsal, da cidade de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul. A maioria dos(as) entrevistados(as) estão fazendo um curso superior. Entre os cursos, encontramos

Educação Física, Direito, Administração de Empresas e Sistemas de Informação. Cinco dos(as) entrevistados(as), além de jogar e estudar, também trabalham, e dois atletas um homem e uma mulher, apenas trabalham. Esses dois atletas que apenas trabalham, completaram o ensino médio, e almejam cursar uma universidade em breve. A renda familiar varia entre 8 e 12 salários mínimos. Pode-se dizer, que os atletas participantes da pesquisa, têm um padrão relativamente bom de vida, todos (as) têm acesso a Internet e outras formas de informação como jornais, revistas e livros.

Antecedendo a realização das entrevistas, foi informado o objetivo da pesquisa, para cada atleta, apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e solicitada a leitura e assinatura do mesmo como forma de consentimento da participação. O sigilo e anonimato foram garantidos de modo a preservar a identidade dos(as) participantes. Para a apresentação das falas dos (as) atletas, foram utilizados nomes fictícios, onde foi feita uma homenagem a atletas brasileiros, de alto rendimento, praticantes de diversas modalidades esportivas em épocas diferenciadas.

As entrevistas foram registradas com gravador digital e após a transcrição das entrevistas, foi feito o levantamento dos temas, e para cada um desses temas, foram extraídas as falas correspondentes nos textos. Os temas selecionados foram avaliados e resumidos até formarem núcleos de sentidos, que deram origem a categorias. Realizamos o levantamento e análise de conteúdo das 20 entrevistas realizadas com base em Bauer (2003), Setúbal (1999) Kude (1997) e Bardin (1991) e utilizamos a Hermenêutica de Profundidade de Thompson (2002), como referencial teórico para guiar-me na análise e interpretação dos resultados, sempre ancorados nos estudos de gênero.

A pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa-CEP-PUCRS pelo ofício nº 913/05.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram vinte entrevistas em que os(as) participantes pensaram e refletiram sobre um tema bastante problemático na atualidade e que, em muitos casos, ainda hoje, século 21, passa despercebido, não só no contexto esportivo, mas principalmente fora deste contexto. Este tema é o da violência contra a mulher no esporte, em especial, a análise das conseqüências dessa violência para as atletas.

Como os(as) atletas percebem as conseqüências da violência de gênero no esporte para a mulher atleta.

Foi ao longo das entrevistas, discutindo as questões norteadoras das mesmas, que os atletas e as atletas começaram a encarar as restrições que são feitas às atletas como uma possível violência praticada contra elas. Em um primeiro momento pudemos perceber que o mundo do esporte era visto de maneira naturalizada, como sendo um reduto naturalmente masculino, onde as mulheres eram percebidas como uma espécie de invasoras, pelo menos em determinadas categorias esportivas.

Outra questão interessante, que gostaríamos de ressaltar, é que se tratavam de atletas amadores, que não obtinham lucros financeiros de sua prática esportiva. Dessa maneira, posicionavam-se como atletas amadores, mas também como torcedores, espectadores assíduos de eventos esportivos em estádios, telespectadores, ouvintes e leitores da mídia esportiva. Foi essa cultura condição que tornou realmente evidente o papel importante que os meios de comunicação têm na construção da mulher atleta.

Assim, percebemos que algumas questões aparecem constantemente, de forma bastante marcante e recorrente, no discurso das(os) atletas.

A primeira delas é o **não reconhecimento do Ser mulher atleta.**

Escutar comentários sobre sua beleza quando está jogando incomoda, porque a atleta é muito cobrada, por ela mesma e pela sociedade, ela deve ser competente sempre. Ela quer vencer profissionalmente através do seu jogo. Aí você treina, “malha” e, os “caras” só falam que você é bonita. Isso está correto? (Jaqueline, 28 anos, atleta de futsal).

Ouvi, em uma partida de futebol, o comentarista falando que determinada jogadora era muito bonita, eu concordo com ele, mas eu não sei se é o momento do elogio. Eu francamente não sei se ela gostaria de ouvir esse comentário, ou gostaria de ouvir que ela fez um bom trabalho. Tem comentaristas que esquecem que a mulher não é um objeto, ela é um ser humano que precisa ser respeitado igualmente ao homem. (Dunga, 21 anos, atleta de handebol).

Muita exaltação da beleza da atleta na mídia, por exemplo, em alguns casos, poderá prejudicar o seu desempenho dentro da quadra, pois se o lado emocional está afetado, com questões do tipo: será que eu jogo bem, ou estou no time apenas por minha beleza? A atleta se desestrutura. Acho que se acontecesse com um homem, aconteceria à mesma coisa (Falcão, 20 anos, atleta de handebol).

Eu me incomodo com esses comentários indevidos, tipo esse da exaltação da beleza física das mulheres atletas, porque se fosse comigo eu gostaria que eles falassem a respeito do meu desempenho dentro do jogo. Mas é uma questão cultural, sexo oposto, admiração, tudo que é bonito deve ser admirado, mas têm o local certo. É falta de profissionalismo (Rivelino, 22 anos, atleta de futsal).

Nas falas das(os) atletas ficou claro que o trabalho da mulher atleta não é reconhecido, tal qual é reconhecido o trabalho do homem atleta. Essa questão apareceu associada à exaltação da beleza da mulher atleta. Aqui fica evidente que a aceitação e o respeito ao profissionalismo da mulher atleta ainda não é uma realidade incorporada por toda a sociedade. Em muitos casos o discurso das mídias legitima essa visão preconceituosa e discriminatória que envolve a mulher no esporte.

O contexto esportivo, a pesar de todas as imperfeições e desigualdades, é um agente fundamental de transformação social para as mulheres. Sobretudo a partir do momento em que os meios de comunicação, em especial a televisão, passaram a fazer parte

do espetáculo, interferindo, ditando normas, alterando regras, criando ícones, ou seja, alterando muitas vezes o formato do esporte e fazendo o show. É indispensável trazer aqui, que esse “namoro”, da mulher atleta com as mídias, tem o símbolo da conquista, da luta por um espaço estreitado pelo homem, e é um terreno repleto de armadilhas e preconceitos. Em muitos casos, o comportamento da mulher atleta é julgado dentro de parâmetros masculinos, ou seja, para alguns o reconhecimento profissional ocorre em função da masculinização da mulher atleta, só assim lhes é permitido sucesso e competência, para outros este é o resultado da beleza da atleta, onde ter um rosto e um corpo bonito, que respondam aos códigos machistas, já lhes “garante” bons resultados e sucesso. E aí questionamos, é esse reconhecimento que a mulher atleta almeja? A fala de nossas entrevistadas nos mostra que estas buscam o reconhecimento e o respeito do seu trabalho como profissionais do esporte, através do reconhecimento do seu bom desempenho esportivo, tal qual ocorre com os atletas masculinos.

Ter um corpo “malhado”, forte e belo é uma consequência do esporte, pois o corpo é o seu instrumento de trabalho. Em alguns casos a associação indevida entre corpo bonito e/ou corpo masculinizado, como garantia de sucesso profissional, pode afetar o lado emocional, e em alguns casos pode prejudicar o desempenho dentro de quadra.

Neste contexto, Adelman (2003), diz que a representação da mulher atleta nas mídias, indica que essas imagens culturais, com todo o fascínio e poder que exerce sobre o imaginário social, constituem um importante espaço de produção discursiva sobre a feminilidade, as quais apresentam contradições e ambigüidades. O “namoro”, da mulher atleta com as mídias, pode se tornar, mesmo que, a longo prazo, um terreno de re-significações do feminino, colocando as mulheres em posição de sujeitos, onde elas mesmas podem definir outras formas de ser mulher atleta.

Apesar da dominação masculina permanecer como uma característica da sociedade atual, as mulheres têm sido incansáveis na busca e definições de suas necessidades. E o contexto esportivo, por ser esse fenômeno, que mobiliza muitas pessoas, despertando paixões e outros sentimentos, muitas vezes inexplicáveis, oferece uma oportunidade para a luta pelos plenos direitos das mulheres atletas. Ou seja, elas querem ser valorizadas como profissionais, através do seu desempenho esportivo e não desvalorizadas por comentários preconceituosos e sexistas, que, em muitos casos, são ofensivos à sua condição humana.

Caberia, nesse sentido, aos meios de comunicação uma conduta mais profissional, um comportamento menos conservador e mais técnico, trocando padrões preconceituosos, por questões mais abertas e mais interessantes, no que se refere ao crescimento das mulheres no contexto esportivo.

Os participantes de ambos os sexos ressaltaram como um fator causador da violência de gênero no contexto esportivo, o **fato das relações sociais no esporte serem construídas em cima de valores sexistas.**

Quando há comentários sobre a feminilidade das atletas, em relação ao seu corpo, que estão muito musculosas, que perdem um pouco a sua beleza de mulher. É muito constrangedor você ser chamada de “Mulher Macho”, “Maria João”, só porque gosta de praticar esportes (Janete, 21 anos, atleta de futsal).

Há, no mundo esportivo muito preconceito contra a mulher. Não suporto as “piadinhas”, que são bastante comuns, dizendo que a mulher atleta, principalmente nós que jogamos futebol, é sapatão, só porque somos diferentes da maioria das mulheres. É extremamente delicada essa situação (Sandra, 23 anos, atleta de futsal).

Acho que deve ser complicado para a mulher atleta ouvir, comentários do tipo que seu corpo está muito musculoso, que parece um homem, que perdeu a sua beleza de mulher, que são “machorras” (Maradona, 21 anos, atleta de handebol).

Segundo os (as) atletas, a sociedade estigmatiza as mulheres esportistas, com maior frequência, as mulheres que jogam futebol e ou futsal, chamando-as, por exemplo, de “sapatão”. Isso nos mostra uma associação indevida entre a prática esportiva feminina e as preferências sexuais.

Adelman (2003), diz que a sociedade define desde cedo que os corpos de homens e mulheres devem agir desta ou daquela maneira, respeitando as normas e símbolos convencionados ao masculino e ao feminino. Na atualidade, o mundo esportivo vem incorporando a luta das mulheres pela igualdade nas relações de poder. As pesquisas sobre as mulheres e as relações de gênero no esporte assinalam os avanços e também os pontos em conflitos, antigos e novos. Como exemplo, ainda hoje os esportes são avaliados em termos de gênero, incluindo tanto os que se tornaram unisex, quanto os que são vistos como potencialmente “masculinizantes” para mulheres, como ainda é o caso do futebol e/ou futsal.

Infelizmente, essa imagem estereotipada do futebol e/ou futsal continua afastando as mulheres de sua prática. Pois ainda encontra-se um número significativamente maior de homens do que mulheres praticando-o, tanto em forma de lazer, esporte escolar ou profissional. A prática docente na Educação Física mostra uma grande preocupação de muitas mulheres atletas, profissionais ou amadoras, de tornarem público e explícito, que sua participação no esporte não compromete sua feminilidade. Essa associação do esporte feminino com a masculinização da mulher atleta faz com que muitas atletas de alto rendimento, evidenciem seus símbolos de feminilidade heterossexual. Elas se distanciam da imagem masculina, deixando os traços femininos mais explícitos, os cabelos longos, as unhas pintadas, o uso freqüente do batom.

Esses estereótipos de gênero, tornam-se extremamente prejudiciais à individualidade da atleta, transformando-se em obstáculos e impedimentos para a participação, crescimento, progressão da atleta nos esportes de qualquer tipo ou âmbito. A desmistificação dos estigmas e preconceitos no contexto esportivo, mesmo tendo essas suas bases na educação familiar e uma longa bagagem cultural, deve, ter na escola, e em especial na Educação Física, um campo fértil de atitudes esclarecedoras. Visto que, de acordo com Saraiva (2005), a Educação Física Escolar, ainda se constitui atualmente, como um campo onde, por excelência, acentuam-se as diferenças entre homem e mulher.

De acordo com os(as) participantes de nosso estudo **o fato da mulher atleta não poder viver dignamente através de seu trabalho no contexto esportivo**, é outra questão bastante preocupante.

Nos esportes, a falta de incentivo financeiro e até da família para a mulher viver só dos esportes, é uma realidade. No futebol, não temos campeonato nacional feminino. Ainda escutamos as pessoas falarem, coisas do tipo, o que você espera ganhar como o futebol. Vai cuidar da tua vida, como se eu não pudesse me realizar profissionalmente através do esporte. É uma situação complicada (Marta, 24 anos, atleta de futsal).

Como me incomoda, imagine para as atletas, quando vejo, por exemplo, a miséria de salário que as atletas da nossa seleção brasileira recebem, e tem mais! Elas nem recebem patrocínio! Como vão vencer nos esportes?(Tostão, 20 anos, atleta de futsal).

Percebo que quando uma mulher está à frente de um cargo administrativo no esporte, o que é coisa muito rara, ou até mesmo na cobrança de um lance no esporte. Se ocorrer qualquer deslize por parte da atleta, esse erro é muito ressaltado(Leila, 20 anos, atleta de futsal).

Parece, é minha percepção, que a mulher tem que estar sempre provando para os outros que é competente, que sabe jogar bem, que sabe administrar um time, essas coisas. E não é só isso. Se olharmos para o lado financeiro, aí a decepção é bem maior. É muito difícil uma mulher atleta sobreviver só do esporte (Hortência, 18 anos, atleta de handebol).

Segundo esses depoimentos, realmente não é nada fácil a ascensão profissional da mulher nos esportes. Essa é uma realidade da nossa sociedade machista, que também se reflete no contexto esportivo. Bem sabemos que a hegemonia na prática e no comando dos esportes ainda é masculina. As mulheres, aos poucos vão quebrando barreiras e conquistam espaços, dentro das quadras, nos setores administrativos dos esportes, etc. Mas o contexto esportivo, ainda exclui as mulheres. As dificuldades para as mulheres permanecerem no esporte são enormes.

Não bastando os desafios comuns, como os adversários, os treinamentos, as pressões, as viagens entre outros, a mulher atleta não recebe incentivos para participar de esportes, nem de seus amigos e nem de seus familiares; é cobrada constantemente pela sociedade pelo seu papel de mãe e esposa; sofre constantemente a pressão pela busca de um corpo ideal, que contemple o ideal feminino; sofre a falta de apoio financeiro; a falta de oportunidades em cargos administrativos; tem que ser extremamente competente; seu desempenho esportivo tem que ser 100%, para obter algum reconhecimento, e muitas outras desigualdades não citadas aqui. Em função disso, as mulheres atletas, devem estar bem preparadas emocionalmente, para enfrentar, vencer e eliminar os preconceitos, os estereótipos, os estigmas, as desigualdades das oportunidades, as diferenças que limitam e muitas vezes as afastam do contexto esportivo.

Esses fatores causadores de prejuízos psicológicos para as mulheres atletas confirmam que, apesar de toda a evolução da nossa sociedade, as relações de gênero ainda circulam no mesmo terreno: valores antigos são produzidos e reproduzidos com uma outra “roupagem”. A participação da mulher no contexto esportivo é uma dessas roupagens.

Ainda são muitas as desigualdades presentes nas relações sociais, não só entre homens e mulheres, mas também entre classes sociais, raças e, até mesmo, entre gerações.

Infelizmente as mulheres, têm padecido as discriminações de uma sociedade ainda eminentemente patriarcal, responsável pelas diferenças assimétricas entre os sexos, nos diferentes contextos sócio-culturais, e de uma forma bastante acentuada nos esportes, legitimando os papéis e as relações convencionais entre os gêneros.

Nesse sentido, cabe apresentar aqui a indignação de Fernanda Ramirez, Bacharel em Educação Física -Treinamento Físico pela USP. Ela relata alguns fatos que ocorreram na busca de emprego no contexto esportivo:

Eu jamais suspeitaria me deparar com situações que fugissem de uma boa qualificação profissional ou de uma competitividade crescente. Achava, sinceramente, após ter estruturado e planejado toda a faculdade para um determinado fim, trilhar um caminho honesto e livre de preconceitos. Perdi a conta de quantas propostas indecentes recebi, não somei todas as pessoas que me ignoraram pelo fato de eu, aparentemente, ser um ninguém, desconhecido e tão pouco e lembro-me de quantas vezes ouvi dizer sobre meu ser mulher (Fernanda, Bacharel em Educação Física, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta dessa pesquisa foi uma tentativa de compreender como as mulheres e homens atletas percebem as conseqüências da violência contra a mulher no contexto esportivo. Não deu para compreender tudo, mas nunca pensamos que isso seria possível. No entanto, pudemos ter uma noção mais aprofundada, de como as pessoas entrevistadas vêem o assunto e a importância que lhe atribuem. São considerações finais, porém transitórias sobre esse estudo.

Ser mulher no contexto esportivo, tem sido, e ainda é, viver à sombra de questões culturais advindas da dominação masculina. A mulher já está começando a mudar esse panorama, mas é uma questão bastante complexa, para isso, é necessária a ação conjunta de várias instituições sociais, como a escola, família, mídia, etc.

Alguns fatores foram apontados pelos(as) atletas como causadores de prejuízos para a mulheres no contexto esportivo. Entre eles: O não reconhecimento do ser mulher atleta, ou seja, não ser reconhecida pelo seu desempenho dentro das quadras, mas pelo seu belo corpo; as relações sociais no esporte serem construídas em cima de valores sexistas, e a mulher atleta não poder viver dignamente através de seu trabalho no contexto esportivo.

Dessa forma, vemos que a violência de gênero do contexto esportivo, ou seja, os estereótipos de gênero, os preconceitos e as desigualdades de poder nas relações sociais dentro do contexto esportivo, levantadas pelo(as) participantes, podem ferir a individualidade da mulher atleta que é sistematicamente agredida, causando prejuízos graves e muitas vezes permanentes para a sua saúde emocional e psicológica. Em alguns casos, essa violência pode se transformar em obstáculos e impedimentos para a participação, crescimento e progressão profissional da mulher, ou seja, afetando ou negando seu direito de decidir, pensar, agir, transformar, escolher, enfim ser um Ser que se constrói e constrói o mundo.

Tendo como base à temática abordada no presente artigo, vemos que o Esporte, não existe independentemente de uma imagem social. No momento em que o esporte incorpora o “status” de fenômeno social, este é transformado pela cultura e pela sociedade em questão. Sendo assim, o esporte é uma realidade construída, e como tal suas regras, os preconceitos, as discriminações, os estigmas, as violências, que fazem parte do seu contexto, também o são. Desta forma, quando as mulheres decidiram entrar neste campo de atuação, tiveram que aceitar os desafios de competir e encarar as situações problemáticas como as relações de gênero, raça, cor, ideologia. O perigo, reside quando a mulher atleta, se sente estritamente ligada à percepção que possui de si mesma e de que está submetida a um poder que legitima a existência de um sistema de desigualdade de privilégios e valores que

se definiu como sendo masculino. Esta legitimação masculina no esporte fez surgir todo um conjunto de crenças sobre a participação da mulher no esporte, visto que o sexismo implica em conceitos fundamentados na cultura popular que justificam a “superioridade” do homem sobre a mulher. O sexismo está enraizado na cultura, estando presente em diferentes segmentos como a família, a educação, a religião, o esporte que moldam o comportamento feminino na sociedade.

A esperança reside no fato de que, sendo construções sociais e históricas, os valores sexistas no esporte e em qualquer âmbito da prática e convivência humanas, podem ser revertidos em prol do crescimento de homens e mulheres conjuntamente. Estamos longe de alcançar uma realidade deste tipo, mas ela é possível.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. (2003). Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 11(2): 360, p 445-465, julho-dezembro.
- BARDIN, L. (1991). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: edições 70.
- BAUER, M. W. (2003) Análise de Conteúdo Clássica. IN: *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático*. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes.
- BOURDIEU, P. (1996). Novas reflexões sobre a dominação masculina. IN: LOPES, M J. M., MEYER, D. E., WALDOW, V. R. (orgs.) *Gênero & Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CAPITANIO, A M. (2004). Contexto social esportivo: fonte de stress para a mulher? www.efdeportes.com/ Revista Digital. Buenos Aires Año 10 N 78.
- DE SOUSA, E. S. & ALTERMAN, H. (1999). Meninos e Meninas: Expectativas corporais e implicações na Educação Física Escolar. *Cadernos Cedes*, ano XIX, N.48.
- FREITAS, S. G. (2000). Mulher, esporte, sexo, imagem corporal e hipocrisia. In: *Palestra de abertura do I Fórum de debates: Mulher & Esporte -Mitos e Verdades*. São Paulo, 20 de junho de 2000.

- GIFFIN, K. (1994). Violencia de Gênero, Sexualidade e Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro 10(suplemento 1): 146-155.
- GOELLNER, S.V. (2004). Mulher e esporte em perspectiva. Disponível em www.esporte.gov.br/arquivos/mulher_esporte/esporte_mulher.pdf.
- HULT, J. S. (1994.) The story of women's athletics: manipulating a dream. 1890-1985. In: COSTA, M.; GUTHRIE, S. eds. *Womens and sport: interdisciplinary perspectives*. Champaign, Human Kinetics, p. 83-106.
- JAEGER, F. P. (2004). Infância e Relações de Gênero In: *Violência, gênero e políticas públicas* Org. Marlene N. Strey; Mariana P. R. Azambuja, Fernanda P. Jaeger. Porto Alegre:EDIPUCRS.
- KNIJNIK, J. D. (2001). Mulheres no esporte: uma nova roupa velha. www.efdeportes.com/Revista Digital-Buenos aires-año 7 N. 42.
- KNIJNIK, J. D. & SIMÕES, A. C., 2000. Ser é ser percebido:uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil. *Rev. Paulista de Educação Física*. São Paulo, 14(2): 196-213, Jul-Dez.
- KNIJNIK, J. D. & VASCONCELLOS, E G. (2003). Mulheres na área no país do futebol perigo de gol. In: *Mulher e Futebol: mitos e verdades* (Org.) SIMÕES, A São Paulo: Manole, p. 165-175.
- KOSAKA, L. 2005). Os desafios da mulher no ambiente esportivo. Disponível: www.wmulher.com.br. Acessado dia 08 de maio de 2005.
- KUDE, V M. M. (1997). Como se faz análise de dados na pesquisa qualitativa em Psicologia. *PSICO*. Porto Alegre, v. 28, n.,2, p. 183-202, jul/dez.
- PAIM, M. C. C & STREY, M N. (2005). Percepção de corpo da mulher que joga futebol. www.efdeportes.com/ *Revista Digital* - Buenos Aires-año 10 N. 89 Junio.
- RAMIREZ, F. A. (2000). In-fundamentos: protesto de uma mulher formada em esportes. www.efdeportes.com/ Revista Digital-Buenos Aires – Año 5 – N 24.
- SARAIVA, M.(2005). C. *Co-Educação Física e Esportes: Quando a diferença é mito*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2 ed.
- SETÚBAL A A. (1999). Análise de Conteúdo: suas implicações nos estudos das comunicações. IN: MARTINELLI, Maria L (org.). *Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras..

- SILVA, S. A. P. (2004). *A Pesquisa Qualitativa em Educação Física*. Disponível em: <<http://www.efmuzambinho.org.br/refelnet/revusp/edições/1996/usp10n1/8sheil.htm>> . Acessado em 18/11/04.
- STREY, M. N. (1998). Gênero: In; Strey, Marlene Neves et al. *Psicologia Social Contemporânea: livro texto*. Petrópolis: Vozes.
- STREY, M. N. (2001). Violência e Gênero: um casamento que tem tudo para dar certo. IN: GROSSI, Patrícia; WERBA, Graziela C. *Violências e Gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto alegre: EDIPUCRS.
- STREY, M. N. (2004). Violência de gênero: uma questão complexa e interminável. In: *Violência, gênero e políticas públicas* Org. Marlene N. Strey; Mariana P. R. Azambuja, Fernanda P. Jaeger. Porto Alegre:EDIPUCRS.
- STREY, M. N & WERBA, G C. (2001). Longe dos olhos, Longe do Coração: ainda a invisibilidade da violência contra a mulher IN: GROSSI, Patrícia; WERBA, Graziela C. *Violências e Gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre. EDIPUCRS.
- THOMPSON, J. B. (2002). Ideologia e Cultura Moderna-Teoria social Crítica na Era dos meios de comunicação de Massa. Petrópolis: Vozes.
- TAMBURRINI, C. T. (1999). *O Retorno da Amazonas*. Disponível em Revista Digital. www.efdeportes.com/ Año 4 N. 13. Buenos Aires.
- WERBA, G. C. (2004). O Tudo e o Nada: Mulheres e Representações Sociais da Violência contra a Mulher. *Tese de Doutorado não Publicada*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ PUC. Porto Alegre.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

O fenômeno da violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo é um indicativo que as relações sociais entre homens e mulheres no esporte, são resultantes das relações de poder assimétricas, ainda bastante presentes na nossa sociedade.

Com todas as conquistas alcançadas pelas mulheres, com a grande revolução dos costumes, o novo milênio ainda deixa transparecer muitos desequilíbrios na tão almejada equidade de poderes entre homens e mulheres. Um deles diz respeito aos constantes estereótipos, às discriminações, os preconceitos que ainda hoje afetam as mulheres no contexto esportivo. A violência contra a mulher no contexto esportivo é um instrumento de poder criado e ratificado pelo sistema patriarcal, uma vez que as assimetrias sociais refletem as relações de dominação e opressão que transformam as desigualdades sociais, econômicas e políticas, em exclusão.

A relevância desta linha de pesquisa pode ser justificada pela necessidade de se produzir mais conhecimentos e esclarecimentos sobre esse tipo de violência que ainda hoje passa muitas vezes despercebido pela maioria das pessoas, em especial das pessoas que não estão envolvidas com o contexto esportivo. Esses conhecimentos podem ser fontes riquíssimas para o planejamento de intervenções, ações, estratégias e serviços para

libertarem a mulher esportista, da dominação e opressão masculina encontradas no contexto esportivo. E também pela grande carência de referencial teórico na área de estudo.

Há a necessidade de novas políticas públicas voltadas para o enfrentamento da discriminação da mulher no contexto esportivo, pois a existência de preconceitos, de estereótipos, dos estigmas, entre outros tipos de violência visualizadas no esporte, pode impedir as mulheres de exercer seu direito de decidir, pensar, agir, transformar, escolher, causando prejuízos psicológicos à sua saúde, então, a violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo compromete o desenvolvimento saudável da sociedade como um todo e se transforma em um problema também de saúde pública.

Os estudos de gênero, que privilegiam a construção sociocultural da desigualdade entre homens e mulheres, nos ajudam a conhecer melhor essa realidade excludente e unilateral. Conhecendo mais profundamente, poderemos colaborar para que antigas tradições sejam fragmentadas e eliminadas das relações sociais, e seja construída uma sociedade que garanta os direitos humanos iguais para homens e mulheres, em todos os contextos sociais.

ANEXOS

ANEXO 1

PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DAS(OS) PARTICIPANTES

PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DOS(AS) ATLETAS

N.	ATLETA	IDADE	SEXO	ESPORTE	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO	RENDA R\$
1	Paula	24	F	Handebol	3 ^o grau incompleto	Estudante	2.500,00
2	Hortência	18	F	Handebol	3 ^o grau incompleto	Estudante	3.600,00
3	Fofão	23	F	Handebol	3 ^o grau incompleto	Estudante	3.000,00
4	Ana Paula	24	F	Handebol	3 ^o grau incompleto	Estuda e trabalha	2.500,00
5	Virna	23	F	Handebol	3 ^o grau incompleto	Estudante	2.800,00
6	Pretinha	24	F	Handebol	3 ^o grau incompleto	Estuda e trabalha	2.500,00
7	Sandra	23	F	Futebol	Ensino Médio	Trabalha	2.600,00
8	Leila	20	F	Futebol	3 ^o grau incompleto	Estudante	3.000,00
9	Jaqueline	28	F	Futebol	3 ^o grau incompleto	Estuda e trabalha	2.800,00
10	Janete	21	F	Futebol	3 ^o grau incompleto	Estudante	3.000,00
11	Marta	24	F	Futebol	3 ^o grau incompleto	Estudante	2.500,00
12	Maradona	21	M	Handebol	3 ^o grau incompleto	Estudante	2.600,00
13	Falcão	20	M	Handebol	3 ^o grau incompleto	Estudante	3.600,00
14	Pelé	25	M	Handebol	3 ^o grau incompleto	Estuda e trabalha	2.500,00
15	Dunga	22	M	Handebol	3 ^o grau incompleto	Estudante	3.600,00
16	Oscar	23	M	Futebol	3 ^o grau incompleto	Estuda e trabalha	3.000,00
17	Rivelino	22	M	Futebol	3 ^o grau incompleto	Estudante	2.600,00
18	Zeti	19	M	Futebol	3 ^o grau incompleto	Estudante	2.500,00
19	Tostão	20	M	Futebol	3 ^o grau incompleto	Estudante	2.500,00
20	Ronaldo	26	M	Futebol	Ensino Médio	Trabalha	3.000,00

ANEXO 2

ROTEIRO DA ENTREVISTA

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- Fale-me um pouco...
- De tua trajetória como atleta e dos motivos que te levaram a escolher a prática esportiva, quem te influenciou na escolha, à quanto tempo pratica o esporte
- Sobre sua rotina de treinamento
- Sobre o que pensa sobre violência
- Sobre o que pensa sobre violência no esporte
- Sobre o que pensa sobre violência contra a mulher no esporte
- Sobre as tua percepções, casos conhecidos de violência contra a mulher no esporte.
- Sobre os efeitos da violência contra a mulher no esporte, em relação aos:
 - treinamentos
 - jogos
 - desempenho esportivo (rendimento)
 - corpo

ANEXO 3

CARTA DE APROVAÇÃO CEP-PUCRS



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP - PUCRS



Ofício nº 913/05-CEP

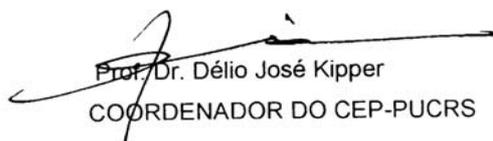
Porto Alegre, 26 de setembro de 2005.

Senhor(a) Pesquisador(a):

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa intitulado: "Violência contra a mulher no esporte sob a perspectiva de gênero".

Sua investigação está autorizada a partir da presente data.

Atenciosamente,


Prof. Dr. Délio José Kipper
COORDENADOR DO CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)
Dout Maria Cristina Chimelo Paim
N/Universidade

ANEXO 4

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante:

Sou Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão da professora **Dra. Marlene Neves Strey**, cujo objetivo é **investigar como homens e mulheres atletas, praticantes de handebol e futsal, na faixa etária entre 18 –28 anos, identificam e enfrentam a violência e a violência contra a mulher no esporte.**

Sua participação envolve (referir o procedimento; Ex: uma entrevista, que será gravada se assim você permitir, e que tem a duração aproximada de 50 min).

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora, fone (55 91410798) ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, fone 3320 3345.

Atenciosamente

 Maria Cristina Chimelo Paim
 Matrícula: 04190523-3

 Local e data

 Marlene Neves Strey
 Matrícula: 1708 CRP- 07/0985

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

 Nome e assinatura do participante

 Local e data

ANEXO 5

NORMAS EDITORIAIS PARA PUBLICAÇÃO NAS REVISTAS ESCOLHIDAS

REVISTA BRASILEIRA DE MEDICINA DO ESPORTE



INSTRUÇÕES PARA AUTORES

Revisado em novembro de 2004

A *Revista Brasileira de Medicina do Esporte* é o órgão oficial de publicação da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte, publicada bimestralmente. A missão da RBME é disseminar a produção nas áreas das ciências do exercício e dos esportes, através da publicação de resultados de pesquisas originais e outros manuscritos que acrescentem ao conhecimento básico e científico a respeito de atividade física, exercício e esporte nas ciências biológicas e medicina.

Serão considerados para publicação manuscritos originais, artigos de opinião, artigos de revisão, relatos de experiência ou cartas ao editor a respeito de temas em Medicina e Ciência do Exercício e dos Esportes. Ser membro da SBME não é requisito obrigatório para a publicação de artigos na RBME e tal fato não influenciará a decisão do Conselho Editorial. Artigos deverão ser escritos em português e, de acordo com decisão do Conselho Editorial, autores e grupos estrangeiros poderão publicar artigos em Inglês. Todos os artigos serão publicados, na íntegra, em Português e Inglês, com resumos também em espanhol. A RBME é a responsável pela realização das versões em línguas estrangeiras.

A RBME adota as regras de preparação de manuscritos da *Uniform Requirements for Manuscripts Submitted to Biomedical Journals (International Committee of Medical Journal Editors. Uniform requirements for manuscripts submitted to biomedical journals. Ann Intern Med 1997; 126: 36-47)*, cuja última atualização, realizada em outubro de 2004, está disponível na internet (<http://www.icmje.org>).

DUPLA SUBMISSÃO

Os artigos submetidos à RBME serão considerados para publicação somente com a condição de que não tenham sido publicados e não estejam em processo de avaliação para publicação em outro periódico, seja na sua versão integral ou em parte. A RBME não considerará para publicação artigos cujos dados tenham sido disponibilizados na Internet para acesso público. Se houver no artigo submetido algum material em figuras ou tabelas já publicado em outro local, a submissão do artigo deverá ser acompanhada de cópia do material original e da permissão por escrito para reprodução do material.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores deverão explicitar, através de formulário próprio (Divulgação de potencial conflito de interesses – a seguir), qualquer potencial conflito de interesse relacionado ao artigo submetido, conforme determinação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (RDC 102/2000) e do Conselho Federal de Medicina (Resolução nº 1.595/2000). Esta exigência visa informar os editores, revisores e leitores sobre relações profissionais e/ou financeiras (como patrocínios e participação societária) com agentes financeiros relacionados aos produtos farmacêuticos ou equipamentos envolvidos no trabalho, os quais podem teoricamente influenciar as interpretações e conclusões do mesmo. A existência ou não de conflito de interesse declarado estarão ao final de todos os artigos publicados.

BIOÉTICA DE EXPERIMENTOS COM SERES HUMANOS

A realização de experimentos envolvendo seres humanos deve seguir a resolução específica do Conselho Nacional de Saúde (nº 196/96) disponível na internet (<http://conselho.saude.gov.br/docs/Resolucoes/Reso196de96.doc>), incluindo a assinatura de um termo de consentimento informado e a proteção da privacidade dos voluntários.

BIOÉTICA DE EXPERIMENTOS COM ANIMAIS

A realização de experimentos envolvendo animais deve seguir resoluções específicas (Lei nº 6.638, de 08 de maio de 1979; e Decreto nº 24.645 de 10 de julho de 1934).

ENSAIOS CLÍNICOS

Os artigos contendo resultados de ensaios clínicos deverão disponibilizar todas as informações necessárias à sua adequada avaliação, conforme previamente estabelecido. Os autores deverão referir-se ao "CONSORT" (www.consort-statement.org).

REVISÃO PELOS PARES

Todos os artigos submetidos serão avaliados por ao menos dois revisores com experiência e competência profissional na respectiva área do trabalho e

que emitirão parecer fundamentado, os quais serão utilizados pelos Editores para decidir sobre a aceitação do mesmo. Os critérios de avaliação dos artigos incluem: originalidade, contribuição para corpo de conhecimento da área, adequação metodológica, clareza e atualidade. Os artigos aceitos para publicação poderão sofrer revisões editoriais para facilitar sua clareza e entendimento sem alterar seu conteúdo.

CORREÇÃO DE PROVAS GRÁFICAS

Logo que prontas, as provas gráficas em formato eletrônico serão enviadas, por e-mail, para o autor responsável pelo artigo. Os autores deverão devolver, também por e-mail, a prova gráfica com as devidas correções em, no máximo, 48 horas após o seu recebimento. O envio e retorno das provas gráficas por correio eletrônico visa agilizar o processo de revisão e posterior publicação dos artigos aceitos.

DIREITOS AUTORAIS

Todas as declarações publicadas nos artigos são de inteira responsabilidade dos autores. Entretanto, todo material publicado torna-se propriedade da Editora, que passa a reservar os direitos autorais. Portanto, nenhum material publicado na RBME poderá ser reproduzido sem a permissão por escrito da Editora. Todos os autores de artigos submetidos à RBME deverão assinar um Termo de Transferência de Direitos Autorais (a seguir), que entrará em vigor a partir da data de aceite do trabalho. O autor responsável pelo artigo receberá, sem custos, a separata eletrônica da publicação (em formato PDF).

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Prof. Dr. Antonio Claudio Lucas da Nóbrega
Editor-Chefe da Revista Brasileira de Medicina do Esporte
Departamento de Fisiologia e Farmacologia Instituto Biomédico
Universidade Federal Fluminense
Rua Prof. Hernani Pires de Melo 101, São Domingos
Niterói, RJ – CEP 24210-130
E-mail: rbme@rbme.org.br

INSTRUÇÕES PARA ENVIO

Todos os artigos deverão ser submetidos diretamente em nosso site (www.rbme.org.br) e não deverão ultrapassar 20 páginas em seu total. Após submissão eletrônica do artigo, os autores deverão enviar, por correio:

- Termo de Divulgação de Potencial Conflito de Interesses (conforme modelo a seguir).
- Termo de Transferência de Direitos Autorais (conforme modelo a seguir). O artigo submetido deve ser digitado em espaço duplo, papel tamanho A4, com margens de 2,5cm e espaço 1,5, sem numerar linhas ou parágrafos, e numerando as páginas no canto superior direito; as legendas das figuras e as tabelas devem vir ao final do texto, no mesmo arquivo. Figuras devem ser incluídas em arquivos individuais. Os manuscritos que não estiverem de acordo com as instruções a seguir em relação ao estilo e formato serão devolvidos sem revisão pelo Conselho Editorial.

FORMATO DOS ARQUIVOS

- Para o texto, usar editor de texto do tipo Microsoft Word para Windows ou equivalente.
- As figuras deverão estar nos formatos jpg ou tif.

ARTIGO ORIGINAL

Um artigo original deve conter no máximo 20 (vinte) páginas conforme formatação acima (incluindo referências, figuras e tabelas) e ser estruturado com os seguintes itens, cada um começando por uma página diferente:

Página título: deve conter (1) o título do artigo, que deve ser objetivo, mas informativo; (2) nomes completos dos autores; instituição(ões) de origem, com cidade, estado e país, se fora do Brasil; (3) nome do autor correspondente, com endereço completo e e-mail.

Resumo: deve conter (1) o resumo em português, com não mais do que 300 palavras, estruturado de forma a conter: introdução e objetivo, métodos, resultados e conclusão; (2) três a cinco palavras-chave, que não constem no título do artigo. Usar obrigatoriamente termos do *Medical Subject Headings, do Index Medicus* (<http://www.nlm.nih.gov/mesh/>); (3) o resumo em inglês

(abstract), representando a tradução do resumo para a língua inglesa (4) três a cinco palavras-chave em inglês (keywords).

Introdução: deve conter (1) justificativa objetiva para o estudo, com referências pertinentes ao assunto, sem realizar uma revisão extensa; (2) objetivo do artigo.

Métodos: deve conter (1) descrição clara da amostra utilizada; (2) termo de consentimento para estudos experimentais envolvendo humanos; (3) identificação dos métodos, aparelhos (fabricantes e endereço entre parênteses) e procedimentos utilizados de modo suficientemente detalhado, de forma a permitir a reprodução dos resultados pelos leitores; (4) descrição breve e referências de métodos publicados mas não amplamente conhecidos; (5) descrição de métodos novos ou modificados; (6) quando pertinente, incluir a análise estatística utilizada, bem como os programas utilizados. No texto, números menores que 10 são escritos por extenso, enquanto que números de 10 em diante são expressos em algarismos arábicos.

Resultados: deve conter (1) apresentação dos resultados em sequência lógica, em forma de texto, tabelas e ilustrações; evitar repetição excessiva de dados em tabelas ou ilustrações e no texto; (2) enfatizar somente observações importantes.

Discussão: deve conter (1) ênfase nos aspectos originais e importantes do estudo, evitando repetir em detalhes dados já apresentados na Introdução e nos Resultados; (2) relevância e limitações dos achados, confrontando com os dados da literatura, incluindo implicações para futuros estudos; (3) ligação das conclusões com os objetivos do estudo; (4) conclusões que podem ser tiradas a partir do estudo; recomendações podem ser incluídas, quando relevantes.

Agradecimentos: deve conter (1) contribuições que justificam agradecimentos, mas não autoria; (2) fontes de financiamento e apoio de uma forma geral.

Referências: as referências bibliográficas devem ser numeradas na sequência em que aparecem no texto. As referências citadas somente em legendas de tabelas ou figuras devem ser numeradas de acordo com uma sequência estabelecida pela primeira menção da tabela ou da figura no texto.

O estilo das referências bibliográficas deve seguir as regras do *Uniform Requirements for Manuscripts Submitted to Biomedical Journals (International Committee of Medical Journal Editors. Uniform requirements for manuscripts submitted to biomedical journals. Ann Intern Med 1997; 126: 36-47; <http://www.icmje.org>)*. Alguns exemplos mais comuns são mostrados abaixo. Para os casos não mostrados aqui, consultar a referência acima. Os títulos dos periódicos devem ser abreviados de acordo com o *Index Medicus (List of Journals Indexed: <http://www.nlm.nih.gov/tsd/serials/fji.html>)*. Se o periódico não constar dessa lista, colocar o nome por extenso. Deve-se evitar utilizar "comunicações pessoais" ou "observações não publicadas" como referências. Um resumo apresentado deve ser utilizado somente se for a única fonte de informação.

Exemplos:

1) Artigo padrão em periódico (deve-se listar todos os autores; se o número ultrapassar seis, colocar os seis primeiros, seguidos por et al.):

You CH, Lee KY, Chey RY, Mnguy R. Electrocardiographic study of patients with unexplained nausea, bloating and vomiting. *Gastroenterology* 1980; 79:311-4.

Goate AM, Haynes AR, Owen MJ, Farrall M, James LA, Lai LY, et al. Pre-disposing locus for Alzheimer's disease on chromosome 21. *Lancet* 1989; 1: 352-5.

2) Autor institucional:

The Royal Marsden Hospital Bone-Marrow Transplantation Team. Failure of syngeneic bone-marrow graft without preconditioning in post-hepatitis marrow aplasia. *Lancet* 1977; 2:742-4.

3) Livro com autor(es) responsáveis por todo o conteúdo:

Colson JH, Armour WJ. Sports injuries and their treatment. 2nd rev. ed. London: S. Paul, 1986.

4) Livro com editor(es) como autor(es):

Diener HC, Wilkinson M, editors. Drug-induced headache. New York: Springer-Verlag, 1988.

5) Capítulo de livro:

Weinstein L, Swartz MN. Pathologic properties of invading microorganisms. In: Sodeman WA Jr, Sodeman WA, editors. *Pathologic physiology: mechanisms of disease*. Philadelphia: Saunders, 1974;457-72.

TABELAS

As tabelas devem ser elaboradas em espaço 1,5, devendo ser planejadas para ter como largura uma (8,7cm) ou duas colunas (18cm). Cada tabela deve possuir um título sucinto; itens explicativos devem estar ao pé da tabela. A tabela deve conter médias e medidas de dispersão (DP, EPM, etc.), não devendo conter casas decimais irrelevantes. As abreviaturas devem estar de acordo com as utilizadas no texto e nas figuras. Os códigos de identificação de itens da tabela devem estar listados na ordem de surgimento no sentido horizontal e devem ser identificados pelos símbolos padrão.

FIGURAS

Serão aceitas fotos ou figuras em preto-e-branco. Figuras coloridas poderão ser publicadas quando forem essenciais para o conteúdo científico do artigo. Nestes casos, os custos serão arcados pelos autores. Para detalhes sobre ilustrações coloridas, solicitamos contactar diretamente a Editora Redprint (redprint@uol.com.br). Figuras coloridas poderão ser incluídas na versão eletrônica do artigo sem custo adicional para os autores. Os desenhos das figuras devem ser consistentes e tão simples quanto possível. Não utilizar tons de cinza. Todas as linhas devem ser sólidas. Para gráficos de barra, por exemplo, utilizar barras brancas, pretas, com linhas diagonais nas duas direções, linhas em xadrez, linhas horizontais e verticais. A RBME desestimula fortemente o envio de fotografias de equipamentos e animais. As figuras devem ser impressas com bom contraste e largura de uma coluna (8,7cm) no total. Utilizar fontes de no mínimo 10 pontos para letras, números e símbolos, com espaçamento e alinhamento adequados. Quando a figura representar uma radiografia ou fotografia sugerimos incluir a escala de tamanho quando pertinente.

ARTIGOS DE REVISÃO

Os artigos de revisão são habitualmente encomendados pelo Editor a autores com experiência comprovada na área. A RBME encoraja, entretanto, que se envie material não encomendado, desde que expresse a experiência publicada do(a) autor(a) e não reflita, apenas, uma revisão da literatura. Artigos de revisão deverão abordar temas específicos com o objetivo de atualizar os menos familiarizados com assuntos, tópicos ou questões específicas nas áreas de Medicina e Ciências do Exercício e do Esporte. O Conselho Editorial avaliará a qualidade do artigo, a relevância do tema escolhido e o comprovado destaque dos autores na área específica abordada.

ARTIGOS DE OPINIÃO

Serão encomendados pelo Conselho Editorial a indivíduos de notório saber nas áreas de Medicina do Exercício e do Esporte e das Ciências do Esporte, que emitirão sua opinião pessoal sobre assuntos de particular interesse.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

A RBME estimula profissionais que possuam uma experiência relevante em algum aspecto especial, original ou inovador em Medicina do Exercício e do Esporte ou das Ciências do Esporte a partilhá-la, sob a forma de um Relatório de Experiência.

RELATO DE CASO

A RBME estimula autores a submeter artigos de relato de caso, descrevendo casos clínicos específicos que tragam informações relevantes e ilustrativas sobre diagnóstico ou tratamento de um caso particular que seja raro na Medicina do Exercício e do Esporte. Os artigos devem ser objetivos e precisos, contendo os seguintes itens:

- 1) Um Resumo e um Abstract contendo as implicações clínicas;
- 2) Uma Introdução com comentários sobre o problema clínico que será abordado, utilizando o caso como exemplo. É importante documentar a concordância do paciente em utilizar os seus dados clínicos;
- 3) Um Relato objetivo contendo a história, o exame físico e os achados de exames complementares, bem como o tratamento e o acompanhamento;
- 4) Uma Discussão explicando em detalhes as implicações clínicas do caso em questão, e confrontando com dados da literatura, incluindo casos semelhantes relatados na literatura;
- 5) Referências bibliográficas.

CARTA AO EDITOR

Cartas endereçadas ao Editor-Chefe da RBME serão consideradas para publicação se promoverem discussão intelectual sobre um determinado artigo recentemente publicado. As cartas devem conter um título informativo e seguir as instruções acima para publicação. As cartas devem ter não mais do que 500 palavras. Se aceita, uma cópia será enviada ao autor do artigo original que suscitou a discussão, com um convite para submeter uma réplica que será publicada junto com a carta.

LIVROS PARA REVISÃO

A RBME estimula as editoras a submeterem livros para apreciação pelo Conselho Editorial.

Devem ser enviadas duas cópias do livro ao Editor-Chefe (vide o endereço acima), as quais não serão devolvidas. O envio dos livros não garante a sua apreciação. Contudo, os livros recebidos e não apreciados serão listados no último número de cada ano da Revista. Os livros selecionados para apreciação serão encaminhados para revisores com experiência e competência profissional na respectiva área do livro, cujos pareceres deverão ser emitidos em até três meses e poderão ser adaptados pelos Editores da Revista, sem qualquer interferência das editoras dos livros apreciados. O resultado da apreciação será publicado na Revista juntamente com as informações editoriais do livro.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE COLABORAÇÕES

A *Revista Estudos Feministas* é um periódico de publicação bi-anual, indexado e interdisciplinar, de circulação nacional e internacional. A *Revista Estudos Feministas* aceita originais, em português e em espanhol, em forma de originais, escritos e resernds, que podem ser tanto específicos a uma determinada disciplina quanto interdisciplinares em sua metodologia, teorização e bibliografia.

Os trabalhos enviados são apreciados pelos editores da revista e por consultorias *ad hoc*. Além disso, todos os textos passam por uma revisão gramatical feita por um profissional formado em letras, quando são observadas as normas da Língua Portuguesa culta e da de padronização da Revista. Durante esse processo, se for o caso, os autores são contatados para complementar ou esclarecer informações textuais ou de referências.

Normas para envio de textos

1. Os textos deverão ser enviados em três cópias impressas e em disquete. Recomendase o utilização de processadores de texto compatíveis com Windows. Peça-se que os textos sejam salvos em arquivo e digitados em espaço duplo, em fonte do tipo Times New Roman 12, não contendo marcações.
2. Os originais deverão ter até 9 mil palavras ou 45 mil caracteres (aproximadamente 25 folhas, papel A4), incluindo as referências bibliográficas, notas e tabelas. Devem vir acompanhadas de resumo e abstract (no máximo 10 linhas) e palavras-chave (máximo 5) em português e em inglês, sendo que o título também deve estar traduzido para o inglês.
3. Os ensaios deverão ter até 6 mil palavras ou 30 mil caracteres, e os resernds cerca de 2 mil palavras ou 15 mil caracteres. Notícias e registros deverão ter até 300 palavras ou 1.500 caracteres.
4. Os seguintes itens deverão ser observados na elaboração dos textos:
 - os textos duplos para citações com até três linhas;
 - as citações com mais de três linhas devem ser destacadas com recuo igual ao do início de parágrafo, com fonte do tipo Times New Roman 11 e sem os espaç.
 - spots simples para palavras com emprego não convencional e para indicar citação no interior de citação de até três linhas;
 - o índice para palavras estrangeiras, neologismos e títulos de obras e publicações;
 - os nomes explicativos devem ser de pé de página, numerados, e preceder-se que sejam usados com frequência;
 - os fontes das quais foram extraídas as citações também devem ser indicadas em notas de pé de página, obedecendo a mesma numeração dos nomes explicativos e contendo apenas os seguintes dados: SOBRENOME DA(O) AUTOR(A), Ano de publicação do obra, Número de página(s) da citação;
 - o lista de referências bibliográficas completas deve ser apresentada ao final do texto;
 - no primeira menção de cada autor(a) citado(a) no texto, deve constar também o prenome;
 - no lista final de referências bibliográficas, o prenome dos autores e dos autores deve constar em todos as referências e não apenas ser indicado a inicial;
5. Referências bibliográficas obedecerão as seguintes critérios:
 - Livro: SOBRENOME DA(O) AUTOR(A) DA OBRA, Prenomés, Título do obra, subtítulo Número da edição, Local de publicação, Editora, ano de publicação.
 - Exemplo: FONSECA, Claudia Ferreira, *Isolada e honra: etnografia da relações de gênero e violência em grupos populares*, 1. ed. Porto Alegre: Editora do UFRGS, 2000.
 - Capítulo de livro: SOBRENOME DA(O) AUTOR(A) DO CAPÍTULO, Prenomés, Título do capítulo, subtítulo, In: SOBRENOME DA(O) AUTOR(A) DA OBRA, Prenomés, Título do obra, subtítulo, Número da edição, Local de publicação, Editora, ano de publicação, Páginas inicial e final do capítulo.

Exemplo:
 HELIGORN, Maria Lúcia. "Gênero: um olhar etnográfico". In: PEDRO, Joana; GROSSI, Michem (Org.). *Moradinho feminino: plural gênero no interdisciplinaridade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998, p. 43-55.

• Artigo de periódico: SOBRENOME DA(O) AUTOR(A) DO ARTIGO, Prenomés, Título do artigo, subtítulo, Título do Periódico, número do volume, número do fascículo, página(s) inicial e final do artigo, mês e ano.

Exemplo:

ROSENBERG, Fátima. "Instituição, rendimento, discriminação racial e de gênero". *Revista de Estudos Pedagógicos*, v. 68, n. 159, p. 324-355, maio/junho, 1997.

• Dissertações e Teses: SOBRENOME DA(O) AUTOR(A), Prenomés, Título da obra: subtítulo, Ano de apresentação, Categoria (Graduação ou Pós-Graduação) – Instituição, Local e final do artigo, mês e ano.

Exemplo:

DINIZ, Carmen Simone G. *Entre a técnica e os direitos humanos: possibilidades e limites da humanização da assistência ao parto*, 2001. Tese (Doutorado em Medicina Preventiva) – Programa de Pós-Graduação em Medicina Preventiva, Faculdade de Medicina da USP, São Paulo.

• Trabalhos apresentados em eventos científicos: SOBRENOME DA(O) AUTOR(A) DO TRABALHO, Prenomés, Título do trabalho, In: NOME DO EVENTO, Número da edição do evento, Cidade onde se realizou o evento, Anos, ... (ou Proceedings... ou Resumos...) Local de publicação, Ano de publicação, Páginas inicial e final do trabalho.

Exemplo:

PRADO, Donato. "Nomenclatura: opção ou identidade?". In: SEMINÁRIO SOBRE DIREITOS DA REPRODUÇÃO HUMANA, 1., 1985, Rio de Janeiro, Anos, ... Rio de Janeiro: ALEBU/Comissão Especial dos Direitos da Reprodução, 1985, p. 26-29.

6. Os textos enviados deverão vir acompanhados de folha de rosto, contendo as seguintes informações: Título do artigo, Nome completo do(a) autor(a), filiação institucional, Endereço postal, Telefone/Fax, e-mail e uma breve descrição biográfica (máximo: 5 linhas).

7. O nome do(a) autor(a) não deverá aparecer no corpo do artigo, para garantir o anonimato no processo de avaliação.

8. No caso de inserção de imagens (fotos, gravuras, quadros, etc.), o responsável(a) pelo encaminhamento dos títulos relativos aos direitos de reprodução ficará a critério dos os autoras dos artigos e dos ensaios. A aprovação final do texto dependerá da resolução destes títulos.

9. As imagens devem ser enviadas nos formatos: jpeg ou tiff; resolução de 300 dpi; tamanho de 23 x 16 cm e em grayscale. Imagens lato deitas especificações não poderão ser utilizadas.

10. O número de tabelas e/ou figuras (gráficos, mapas, fotos, etc.) deverá ser mantido até o limite de cinco por artigo. As tabelas deverão ser feitas utilizando-se o mesmo programa do artigo.

11. A *Revista Estudos Feministas* está aberta para receber informações (até 20 linhas) sobre eventos tais como seminários, cursos, exposições, concursos, bolsos de pesquisa, encontros, manifestações etc., que serão publicadas no homepage <http://www.ufsc.br/~ief>

Copyright: a *Revista Estudos Feministas* retém os direitos autorais das contribuições publicadas em seus páginas. Esses direitos abrangem o publicação do contribuição, em português, em qualquer parte do mundo, incluindo os direitos de renovações, expansões e disseminações da contribuição, bem como outros direitos subsidiários. Aos autoras têm permissão para a publicação da contribuição em outro meio, impresso ou digital, em português ou em português, desde que os devidos créditos sejam dados a *Revista Estudos Feministas*.

POLÍTICA EDITORIAL

Psicologia & Sociedade propõe-se a publicar artigos originais sobre temáticas que privilegiem pesquisas e discussões na interface entre a psicologia e a sociedade, tendo em vista o desenvolvimento da Psicologia Social numa perspectiva crítica, transformadora e interdisciplinar. Psicologia & Sociedade publica relatos de pesquisa, ensaios teóricos, comunicações, resenhas e entrevistas.

As contribuições recebidas, sem identificação da autoria, são encaminhadas para consultores ad hoc de competência reconhecida na área, escolhidos pelo Editor. Os pareceres emitidos pelos consultores contêm justificativas que podem sugerir a aprovação para publicação sem alterações, a aprovação para publicação com sugestões de alterações ou a não recomendação de publicação. Uma lista de agradecimento, informando os consultores ad hoc, será publicada anualmente. Aos membros do Conselho Editorial, após a apreciação da versão reformulada, cabem as decisões finais sobre os manuscritos, inclusive quanto à necessidade de novas reformulações. Os autores serão informados de todas as etapas. O Conselho Editorial reserva-se o direito de fazer pequenas modificações no texto dos autores para agilizar o processo editorial. Os originais submetidos não serão devolvidos aos autores.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Psicologia & Sociedade adota as normas técnicas da American Psychological Association (2001) desde a submissão inicial do texto. Em todas as etapas do processo editorial deve-se seguir as normas descritas a seguir. Os textos deverão ser inéditos no Brasil, podendo ser escritos português, espanhol, francês ou inglês. Deverão ser acompanhados de carta assinada pelo autor principal, explicitando sua intenção de submeter ou re-submeter a contribuição. As submissões poderão ser feitas on-line, através do endereço www.ufrgs.br/revistapsicologiaesociedade ou através de correio convencional para o endereço que se encontra na contracapa da revista. Nesse último caso, os autores devem encaminhar duas cópias impressas do texto e uma digital (disquete ou CD), em todas as etapas do processo editorial. Deve-se usar espaço duplo em todo o texto, letra Times New Roman 12, com parágrafos justificados. As folhas devem ser tamanho A4, com formatação de margens superior e inferior (no mínimo 2,5 cm), esquerda e direita (no mínimo 3 cm). A paginação deve iniciar em um a partir da folha de rosto personalizada.

ORDEM DE APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

1) Folha de rosto identificada: Título original (máximo 10 palavras); Título compatível em inglês; Nome e afiliação institucional, por ocasião da submissão do trabalho, de cada autor; Endereço para correspondência com os leitores e com o editor, incluindo e-mail, de um dos autores; Agradecimentos e Informações complementares, quando for o caso.

2) Folha de rosto sem identificação: Título original (máximo 10 palavras); Título compatível em inglês; Resumo (70-100 para artigos teóricos e 100-150 palavras para artigos empíricos) e de 3 a 5 palavras-chave; Abstract (versão correspondente em inglês da versão original) e de 3 a 5 key-words.

3) Corpo do texto: os Ensaios teóricos devem propor a análise de conceitos, levando ao questionamento de modelos existentes à elaboração de hipóteses para futuras pesquisas (máx. 2000 caracteres). Os Relatos de pesquisa devem apresentar Introdução, Método, Resultados e Discussão (máx. 3000 caracteres). E as Resenhas, que podem ser de publicações nacionais ou estrangeiras, e os Resumos de dissertações e teses podem ter no máximo 1000 caracteres.

4) Referências: em nova página, após o término do texto, em ordem alfabética, de acordo com as normas da APA (abaixo, exemplos de como citar artigos, livros, capítulos de livro e dissertação de mestrado, respectivamente). Hüning, S. M. & Guareschi, N. M. F. (2005). O que estamos construindo: especialidades ou especialismos? *Psicologia & Sociedade*, 17(1), 89-92. Castel, R. (2001). As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário (I. D. Poleti, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1995) Maraschin, C. (2005). Redes de conversação como operadores de mudanças estruturais na convivência. Em N. M. C. Pellanda; E. T. M. Schlünzen & K. Schlünzen Jr. (Orgs.), *Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas* (pp. 135-143). Rio de Janeiro: DP & A. Dal Molim, F. (2002). *Autopoiese e sociedade: a rede integrada de serviços da restinga na teoria dos sistemas vivos*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

5) Anexos: somente contiverem informações consideradas indispensáveis.

6) Tabelas e Figuras: cada aparição, com respectivo título, deve ser uma folha separada.